

ATALIBA T. DE CASTILHO

MEMORIAL

Memorial apresentado ao
Concurso
para Provimento de um cargo de
Professor Titular junto ao
Departamento de Letras Clássicas
e Vernáculas da Faculdade de
Filosofia, Letras e Ciências
Humanas da Universidade de São
Paulo, Área de Filologia e Língua
Portuguesa.

SÃO PAULO
1996

Premeditando a coisa

Refletir sobre a própria biografia, e os caminhos que nos levaram a fazer o que já fizemos, e do modo como o fizemos - eis aqui uma tarefa nada fácil.

Estamos habituados, na academia, a sujeitar nossos trabalhos ao escrutínio alheio. Sujeitá-lo a uma análise própria faz toda a diferença. Mas como rememorar é preciso, procurei identificar os eventos que me levaram a ser professor e pesquisador, relatando os desafios de minha geração, e as respostas que pudemos dar. E para não perder o hábito, faço novos planos.

Bem ponderadas as coisas, resolvi organizar assim meu texto: (1) Primeiros Passos, (2) A Docência, (3) A Pesquisa, (4) A Extensão, (5) A Vida Institucional. Fecho o texto com o galante subtítulo "Os novos desafios: a Universidade de São Paulo". Os trabalhos que publiquei são indicados neste Memorial apenas pelo título e data. Para os demais dados de imprensa, peço que se consulte o Curriculum Vitae, em anexo.

1. Primeiros passos

Nasci em Araçatuba SP, mas criei-me na fazenda de meu avô, em José Bonifácio, e depois em Nova Aliança, uma cidadezinha próxima a São José do Rio Preto. Fiz ali parte do curso primário, denominação que então se dava às primeiras quatro séries do primeiro grau. Minha família mudou-se depois para São José do Rio Preto, onde terminei o primário, cursei o ginásial, e depois o colegial, na modalidade então chamada "Curso Clássico".

Devo reconhecer, logo de entrada, que por toda parte colhi sempre uma forte estimulação para os estudos. Isso começou no ambiente familiar, prosseguiu na escola pública, e segue ainda hoje, na família que constituí, e nas três Universidades Oficiais Paulistas em que tive a honra de trabalhar.

Meu ambiente familiar sempre foi modesto. Minha mãe era professora primária, formada pela então famosa "Escola Normal Peixoto Gomide", de Itapetininga. Filha de um farmacêutico de ascendência gaúcha, deixou muito cedo a sua Apiaí, encravada no Vale do Ribeira, em busca de formação profissional. Por falta de meios, teve de arranjar-se sozinha, hospedando-se em casa de conhecidos da Igreja Presbiteriana de Itapetininga, e contraindo uma dívida que saldou, depois de formada. Escolheu sua primeira cadeira no outro extremo do Estado, na zona rural de José Bonifácio, então denominada "Serradão". Um fazendeiro local, meu avô Francisco Elias de Castilho, tinha construído uma escola em sua propriedade, combinando com o Coletor que o Estado nomearia professoras para ministrar as primeiras letras e ensinar a contar aos filhos dos "colonos" e moradores dos arredores. Minha mãe foi uma dessas professoras. Meu pai, a quem ela alfabetizaria, era o filho caçula do fazendeiro. O resto não é preciso contar: casamento, três filhos homens, como se diz na roça. Sou o do meio. Meu irmão mais velho, o Luedy, aposentou-se como metalúrgico da Volkswagen. O mais novo, o Jonas, aposentou-se como professor em Brasília

"Meus velhos" formavam uma dupla diferente sob muitos pontos de vista. Ele, católico da zona rural, ela, protestante da zona urbana, tiveram de desenvolver o hábito de cultivar suas diferenças; após algumas tentativas de "conversão" de um ao estilo do outro, vindas sobretudo de minha voluntariosa mãe. Um aspecto particular dessa batalha foi travada no campo da religião. Os "bíblias" viviam assediando meu pai, recheando-o de citações que mostravam os "erros" da Igreja Católica. Reagindo com sua habitual paciência, ele comprou então uma versão católica da Bíblia, na tradução do Padre Mattos. Leu os dois volumes de capa a capa. Com sua memória privilegiada, e certa habilidade retórica em combinar as "passagens", rechaçou fortemente os catequistas, e prosseguiu em seu modo cético de colecionar as explicações sobrenaturais que as religiões desenvolvem. Eletricista, com especialização em elevadores automáticos, achava que tudo se resume no entrelaço das ondas cerebrais: o amor, a aversão, a premonição, o poder mental, o carisma, derivam da sintonia ou da ausência de sintonia com essas ondas. Afinal, argumentava ele, se até aparelhos grosseiros como os eletroencefalógrafos captam essas ondas, que dizer então do privilegiado cérebro humano? Um dia a ciência aclararia esses enigmas. Por ora, não valia a pena iludir-se com explicações mágicas. Ele se divertia com essas idéias - sempre sem o menor interesse em convencer ninguém - comparando as cosmogonias dos

diferentes povos. Tirava seus argumentos da leitura de livros sobre a história das civilizações, e de relatos dos viajantes europeus, em seus primeiros contactos com os habitantes da África, da Ásia e da América. Com grande entusiasmo, atravessou todas as páginas do Cesare Cantu, e viajou com Cook pela Oceania. Com frequência interrompia os estudos dos filhos para ler em voz alta as passagens mais interessantes. Ele lia, ela escrevia. Escrevia em seu diário, começado nas longas tardes de garoa, em Apiaí, e depois no calorão de Rio Preto, continuamente, até o fim, pouco antes de morrer. Deixou pilhas de cadernetas de capa dura, em que registrou os acontecimentos familiares e, indiretamente, as mudanças da população paulista, em seu processo de urbanização acelerada. Penso que, no essencial, meus pais me ensinaram algo muito importante para a vida que eu viria a ter na universidade: o cultivo sistemático da diferença.

A escola pública prolongou esse ambiente familiar de estimulação intelectual. Tive excelentes professores. O primeiro deles, José de Barros, professor do primeiro ano primário, alfabetizava de um modo altamente estimulante, excitando permanentemente em seus alunos o exercício do sonho, tanto no ensino das contas quanto na leitura. Lia em classe, dramatizando, muitas histórias infantis, despertando em seus alunos a curiosidade pelos livros. Seu pendor para o magistério não se limitava às horas regimentais passadas no Grupo Escolar de Nova Aliança. Repassava as lições para os alunos que o procuravam na pensão modesta em que se hospedava. E tinha sempre novas histórias para contar. Quando se removeu para outra cidade, escrevia-me falando de seus novos alunos, e das novas histórias que lhes contava, exercendo um magistério à distância que me seria extremamente proveitoso, quando iniciei minha própria carreira de professor universitário, na pequena cidade de Marília.

No Colégio Estadual Monsenhor Gonçalves, de São José do Rio Preto, fui aluno de Amaury de Assis Ferreira (Português), Sílvia Purita (Francês) e Ricieri Berto (Latim). O Prof. Amaury passava aos seus alunos a paixão pelas disputas gramaticais, envolvendo-nos nos debates de Mário Barreto, Said Ali, José Rizzo, Cândido de Figueiredo. Mas era para a história da Língua - particularmente para a Etimologia - que ele reservava seus melhores momentos. Já na terceira série ginasial, aos 13 anos, debulhávamos o José Joaquim Nunes, com seus argumentos neogramaticais sobre a formação do Português. No Colegial, já enfronhados nas formas medievais, metíamos a cara nos textos da Crestomatia Arcaica, do mesmo

autor. Os alunos, que são alunos por toda parte, incorporavam em seus jogos as trabalhosas "evoluções fonéticas", derivando, longe da severidade do Prof. Amaury, "cachorro" de "cane", "automóvel" de "biga", numa multiplicação espantosa dos metaplasmos. Decidi minha carreira nas aulas do Prof. Amaury, e a ele dediquei minha tese de doutoramento. Com a Profa. Sílvia, o francês fluía desde o primeiro dia de aula, numa imersão total. Ela jamais se dirigiu em português aos seus alunos. Toda semana, tradução e versão. E no final das aulas, era cantar a Marselhesa, cuja complicada letra tinha sido previamente explicada. Com esse ritmo, falávamos francês aos 14 anos, no final da quarta série. O Prof. Ricieri era um poliglota com sólida formação clássica. Nunca precisou de um apontamento para ensinar o "De Bello Gallico" no ginásial, e as estrofes de Horácio e de Virgílio, no colegial. Ele retirava da memória textos enormes, que ia escrevendo na lousa, explicando suas particularidades gramaticais, seu sentido literário, e os pontos de contacto com a literatura grega. Ensinava para poucos alunos, que ele logo identificava, pois achava que aquelas coisas não eram mesmo para todo mundo. Levei pau em Latim, na segunda série, após exames de segunda época, que competiram com minha nova bicicleta Monark, comprada com dinheiro ganho num sorteio da Sul América Capitalização. Fiquei muito envergonhado, quando não mais me encontrei com minha turma, e resolvi ali mesmo ser professor de Latim, junto com Português.

Outro lugar estimulante era a Igreja Presbiteriana de São José do Rio Preto, que freqüentei por dez anos, durante minha adolescência. Os pastores tinham formação universitária, e a organização interna previa uma série de associações, para as diversas idades. Os participantes eram estimulados a disputar cargos nessas associações, sempre por eleição, e a executar projetos específicos, exercitando-se as lideranças. Fui Presidente ou Secretário de todas elas.

Em meados dos anos 50 não havia curso superior de Letras no interior do Estado de São Paulo. Vim então para a capital. Ainda no segundo ano colegial, escrevi ao Prof. Plínio Ayrosa, Secretário da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da USP, que me enviou um libreto com as instruções para o vestibular. Aprovado, ganhei uma bolsa de estudos da Prefeitura Municipal de São José do Rio Preto, que distinguia assim os egressos do Colégio Estadual "Monsenhor Gonçalves" que tivessem sido aprovados ou na USP, ou na UFRJ, então Universidade Nacional. Cursei as Letras Clássicas na Maria Antônia, entre

1956 e 1959. Graças à bolsa, tive o vagar necessário para freqüentar regularmente o Centro de Estudos Portugueses, na rua Frederico Steidel, e a Biblioteca Municipal Mário de Andrade. Era muito complicado consultar livros na biblioteca da FFCL.

Na mesma Faculdade, em 1960, fiz o Curso de Especialização em Filologia Românica, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa. Era assim mesmo, naqueles tempos: num só ano você ficava especialista em três vastas áreas !

De novo a sorte me favoreceu, pois contei com professores altamente estimulantes na USP. Devo dizer que o Prof. Robert Henri Aubreton, de Língua e Literatura Grega, atraía-me particularmente a atenção. As disciplinas "centrais" eram Filologia e Língua Portuguesa, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa. À frente de uma disciplina que não pertencia ao clube, ele fez da Cadeira de Grego um centro extraordinariamente dinâmico. Organizou uma excelente biblioteca, escreveu - com seus Assistentes - materiais didáticos, depois publicados, fundou a Associação dos Estudos Clássicos e editou a revista dessa sociedade. Era vibrante nas aulas, e a todos contagiava com uma disposição incansável para o trabalho. Organizei, em sua homenagem, uma Miscelânea de Estudos, tempos depois. Aqui tenho sua carta, enviada de Rouen, espantado pela homenagem.

No Centro de Estudos Portugueses, os Profs. Antonio Soares Amora, Massaud Moisés e Segismundo Spina dispensavam aos alunos - sobretudo no Curso de Especialização - uma assistência rara naqueles tempos, em que os professores não dispunham de tempo integral. Uma ótima biblioteca tinha sido organizada, o ambiente era acolhedor, e os professores envolviam seus alunos em seus projetos de pesquisa. Tal foi o caso de uma série de livros que saíam pela Editora Bertrand, de Lisboa, sob a direção do Prof. Amora. Os alunos eram convidados a responsabilizar-se por um dos títulos, para o que deveriam selecionar textos, preparar uma introdução bibliográfica, e escrever um ensaio crítico. Escolhi o Visconde de Taunay, e isso me levou a freqüentar a livraria de sebo do Olinto de Moura, que tinha na memória toda a Literatura Brasileira. Não cumpri a promessa feita ao Prof. Amora, pois novos acontecimentos levaram-me em definitivo para a Lingüística.

No final dos anos 50 discutia-se no Centro de Estudos Portugueses a organização das FFCLs de Assis e de Marília. O Prof. Amora estimulava seus alunos de Especialização a considerarem a hipótese de virem a trabalhar numa dessas Faculdades. Como é natural, isso nos tirava o sono e atiçava o sonho.

Durante meu período de Licenciatura não havia ainda a disciplina de Lingüística. Mas os alunos da USP recebiam uma sólida formação nas aulas de Filologia Românica, com os Profs. Theodoro Henrique Maurer Jr. e Isaac Nicolau Salum. E os de Letras Clássicas, como era o meu caso, estudavam também Lingüística Indo-Européia, igualmente com o Prof. Maurer. O modelo teórico era a Lingüística Histórica Neogramatical, porém esses professores destacavam a inconveniência da filiação muito confiante numa única orientação científica, e sugeriam que a intuição era sempre a melhor conselheira em matéria de descoberta científica.

Casei-me em 1962, e minha esposa, Célia Maria, apoiou-me em minhas iniciativas desde o primeiro momento. Temos três filhos: as gêmeas Célia, professora, e Cláudia, bibliotecária, e Rogério, dentista. A Cláudia nos deu o primeiro neto, Renan, que tem dois anos. Quando nos casamos, a Célia Maria era muito jovem, ainda não tinha 18 anos, mas apoiou-me desde logo em minhas iniciativas, ajudando-me nas tarefas de dirigir a revista Alfa, revendo provas tipográficas, supervisionando o intercâmbio nacional e internacional da revista. Fez seu curso de Letras em Marília, e continuou a ajudar-me nas séries de seminários que fazíamos para os professores secundários da região. Mudados para Campinas, ela fez o Mestrado em Linguística na UNICAMP, onde termina agora sua Tese de Doutorado. Com os filhos "já criados", ela pôde dedicar-se mais às suas pesquisas, inicialmente sobre temas do Projeto de Gramática do Português Falado, e depois, na área da Sintaxe Diacrônica do Português. Temos escrito alguns estudos em co-autoria, renovando-se a relação conjugal pela dedicação à mesma ciência.

2. A Docência

Como disse anteriormente, tive a sorte de lecionar e pesquisar nas três Universidades Oficiais Paulistas. Primeiramente, na Faculdade de Filosofia de Marília, de 1961 a 1975, depois na Universidade Estadual de Campinas, de 1975 a 1991, e a partir de 1992, na Universidade de São Paulo.

2.1 - *Os tempos de Marília*

Minha geração deixou os bancos universitários no momento mesmo em que o Estado de São Paulo, então sob o Governo Carvalho Pinto, decidia interiorizar o ensino superior, criando em várias cidades os Institutos Isolados do Ensino Superior, que se transformariam em 1976 na UNESP.

A idéia era que em certo momento esses Institutos sediassem núcleos universitários regionais. As condições que o Estado oferecia eram esplêndidas: tempo integral, contrato no nível de Professor Catedrático, recursos para aquisição bibliográfica e boa infra-estrutura.

Convidado pelo Prof. Massaud Moisés a lecionar na então jovem Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, por indicação do Prof. Maurer, regi a disciplina de Língua Portuguesa dessa Faculdade, que tinha sido fundada por Segismundo Spina, a quem sucedera o Prof. Mendonça. O Mendonça saía para seu doutorado na França, e assim "sobrou para mim".

Em Marília, associei-me a um jovem grupo de professores, dentre os quais gostaria de destacar Enzo Del Carratore (Latim), Paulo Froehlich (Linguística) e Maria Tereza Camargo Biderman (Filologia Românica), para limitar-me aos que regiam disciplinas de Língua e de Linguística. "Donos do nariz", gozando de uma afortunada liberdade para planejar e executar, fomos entretendo longos papos de planejamento acadêmico, apenas interrompidos pela redação da tese de doutoramento, a que estávamos contratualmente obrigados. Ao cabo disso, delineamos um plano de ação, que poderia ser assim resumido:

(i) Direcionar a indagação científica para outros campos, fugindo aos temas que então se desenvolviam nas duas maiores universidades brasileiras, a USP e a UFRJ. Ambas privilegiavam a diacronia, e a língua escrita ? Pois bem, nós outros, do interior, iríamos para a sincronia, e para a língua falada. A temática era "eurocentrada" (palavra que naquele momento não usávamos, mas tínhamos a percepção da coisa), com ênfase na edição de textos medievais e nas mudanças lingüísticas da "România Velha" ? Nós consideraríamos o fenômeno lingüístico brasileiro, desde suas línguas indígenas (e por aqui se meteu o Paulo Froehlich), até o Português falado nas grandes cidades (aqui, o Projeto NURC). Enfim, aquela história de buscar a diferença.

(ii) Fundar uma revista, a Alfa, objetivando veicular os trabalhos do grupo, atrair colaboração de fora, e estabelecer intercâmbio de publicações. O Prof. Massaud, "dador" da idéia, aprovou esses objetivos, e tratou logo de arranjar os recursos, que aliás nunca viriam a faltar.

(iii) Convidar professores brasileiros e estrangeiros a discutir conosco seus trabalhos, para evitar o isolacionismo a que as pequenas comunidades interioranas estavam sujeitas na década de 60. Foi assim que tivemos a presença, entre outros, de Kurt Baldinger, Antenor Nascentes, Joaquim Mattoso Câmara Jr., Theodoro Henrique Maurer Jr., Isaac Nicolau Salum, Aryon Dall'Igna Rodrigues, Segismundo Spina, Francisco Gomes de Matos. Eles pronunciavam conferências e ministravam minicursos para nós e nossos alunos, exercendo uma considerável influência nos rumos que íamos imprimindo às coisas.

(iii) Estimular saídas para o Exterior. Graças a essa política, tomei um primeiro contacto com os estudos lingüísticos que se desenvolviam em Portugal, com bolsa de estudos concedida pela Fundação Calouste Gulbenkian, em 1962. Voltei a Portugal em 1967, para acompanhar os trabalhos do I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, e em 1969, para uma consulta aos materiais dialetais coligidos pelo Prof. Boléo. Em 1970, aceitei um convite para lecionar Lingüística Portuguesa na Universidade do Texas, em Austin. Verifiquei como se trabalha num ambiente universitário tão diferente do brasileiro. Mas a descoberta mais singular que fiz nas terras do Texas foi a América Latina. O território tinha pertencido aos mexicanos, que compõem fortemente a população de toda aquela faixa sul, da Flórida à Califórnia,

juntamente com cubanos e portoriquenhos. Lideranças universitárias tinham criado o "Institute of Latin American Studies", que dispõe de uma biblioteca riquíssima. Descobri a importância de interagir com os Colegas Hispano-americanos, que atuam num ambiente cultural muito semelhante ao nosso. De volta ao Brasil, escrevi para o Suplemento Literário de O Estado de São Paulo uma série de três artigos, intitulados *A Lingüística na América Latina e no Brasil*, 1970. Integrei-me ao Programa Interamericano de Linguística e Ensino de Idiomas (PILEI), que teve tanta importância no desenvolvimento dos estudos lingüísticos na América Latina, e na Associação de Linguística e Filologia da América Latina (ALFAL), que sucedeu ao PILEI, desde que ele deixou de atuar, em 1981, acompanhando com regularidade os congressos de ambas as associações.

(iv) Convocar regularmente seminários de discussão, voltados tanto para o público acadêmico quanto para os professores de primeiro e segundo graus. Graças a essa política, realizamos três "Encontros de Mestres da Alta Paulista", para debater os problemas do ensino do Português no curso secundário, o "I Seminário de Lingüística de Marília", em 1967, para dar um balanço nos estudos lingüísticos no final daquela década, e o "Seminário de Pós-Graduação", em 1968, a primeira iniciativa de uma universidade pública em São Paulo, para avaliar o impacto da nova orientação que os estudos pós-graduados iam assumir. Todos os textos debatidos nesses encontros foram publicados na Alfa.

Reuni as experiências desenvolvidas pelo conjunto dos Departamentos da Faculdade de Marília no volume dos Anais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília, vol. I, 1962a, que organizei a pedido do Diretor, Prof. Massaud Moisés.

2.1 - Na Universidade Estadual de Campinas

As coisas iam por aí quando recebo, em minha casa em Marília, o Prof. Carlos Franchi, que me apresentou um convite desses de tomar o fôlego.

Juntamente com Carlos Vogt, Rodolfo Ilari e Haquira Ozakabe, o Franchi compunha o quadro dos primeiros professores do Departamento de Linguística da UNICAMP, então filiado ao Instituto de Filosofia e Ciências Humanas. Em 1975 eles estavam ampliando o corpo docente desse Departamento.

Poucos anos antes, tinham-se incorporado Aryon Dall'Igna Rodrigues e Brian Head, além de vários pós-graduandos, que viriam a ser professores do Departamento. Eles se retiravam do Programa de Pós-Graduação em Lingüística do Museu Nacional, então sob tiroteio de setores conservadores da Faculdade de Letras da UFRJ.

Tratava-se agora de uma nova expansão, e eu estava sendo convidado a me transferir para Campinas. Expliquei ao Franchi que minha formação era meio autodidática, e que tinha ficado impressionado com a qualidade dos argumentos que os "unicampistas" tinham apresentado, quando de sua primeira aparição, num dos seminários do "Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo". Ele replicou que os interesses locais se concentravam na formação de um corpo docente que pensasse diferente. Esse argumento foi fundamental.

Na UNICAMP, lecionei Estrutura do Português, Lingüística Histórica do Português e Lexicologia. Só mais tarde passei a atuar na Pós-Graduação. Afinal, eu precisava reciclar-me, o que logo fiz, acompanhando vários cursos pós-graduados do Departamento.

Por volta de 1977, o Departamento de Lingüística decidiu que era a hora de se criar um Curso de Letras na UNICAMP. Até então, formávamos Bacharéis em Lingüística. Integrei, juntamente com Antônio Cândido e Aryon Dall'Igna Rodrigues, a Comissão que proporia a organização do Instituto de Estudos da Linguagem. O novo Instituto não deveria reproduzir o esquema das Faculdades de Filosofia, às quais o Prof. Cândido reservava o adjetivo "teniforme". Isto é, os Departamentos e as disciplinas do novo Instituto deveriam integrar-se numa estrutura nítida, voltada para a pesquisa da linguagem em todas as suas manifestações. A idéia era fugir ao arranjo ocasional das instâncias acadêmicas, em que a instituição, de repente, amanhecia com mais um anel, ali agregado por arranjos de indivíduos.

O IEL acompanhou a Universidade, em sua ênfase nas pesquisas. Às quintas-feiras, tínhamos os colóquios, em que professores da casa, pós-graduandos ou convidados expunham seu trabalho, num clima descontraído. Fervilhavam projetos de pesquisa. Num ambiente de sadia competitividade, mesmo o mais distraído dos professores era empurrado para frente.

O trabalho na UNICAMP foi muito facilitado pela "leveza" burocrática da instituição. Zeferino Vaz construíra uma universidade do telhado para as fundações, começando pela pós-graduação, encaminhando-se depois para a graduação. Ele dizia, em seus encontros freqüentes com os professores, que a competência profissional vem em primeiro lugar. Projetos de pesquisa, prédios e equipamentos viriam por acréscimo, trazidos naturalmente pelo prestígio dos pesquisadores.

Fora lecionar e pesquisar, tive uma atuação institucional na UNICAMP, relatada no item 5 deste Memorial.

2.3 - Na Universidade de São Paulo

Aposentei-me em 1991 na UNICAMP. Por uma coincidência singular, prestei concurso de ingresso na USP no mesmo dia em que saía o ato de meu desligamento. Assim, ainda não sei o que é ser aposentado. Nem quero saber.

Por duas vezes eu tinha sido convidado a trabalhar na Universidade em que me formei: em 1967, pelo Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr., e em 1981, pelo Prof. Segismundo Spina. Agora, a convite do Prof. Dino Preti, eu podia retornar à casa paterna, iniciando meu último ciclo de atividades profissionais.

Encontrei uma Universidade agigantada pelo número de alunos que ela admite, e apoucada no número relativo de professores, dada a não reposição dos efetivos. A carga docente excessiva é um obstáculo ao desenvolvimento da pesquisa. Isso me obrigou a modificar completamente o processo de dar aulas, pois em lugar das classes de no máximo 30 alunos, tinha agora classes de no mínimo 50, que logo atingem os 100, pois os turnos são dobrados.

O que parecia uma tragédia revelou ser mais um dos muitos charmes da "velha senhora": havendo muitos alunos na graduação, há mais probabilidade de aparecerem boas cabeças. Com isso, recrutei excelentes alunos para as atividades de Iniciação Científica, envolvendo-os nos projetos de pesquisa em que atuo. Quanto à docência, organizando previamente temas para projetinhos de pesquisa, e dispondo os alunos em grupos de trabalho, pude orientá-los em sala de aula, às

sextas-feiras. Tenho aqui seus trabalhos, os melhores dos quais vêm sendo apresentados nos seminários do GEL.

Tenho discutido com os Colegas algumas alterações na graduação e na pós-graduação, valendo-me da experiência adquirida na UNESP, na UNICAMP, e em universidades do exterior, nas quais realizei programas de pós-doutorado. Por aí há sempre exemplos a seguir e erros a evitar. Posso dizer que minha sorte ainda não se extinguiu, pois esses Colegas me receberam de uma forma esplêndida.

3. A Pesquisa

Minhas primeiras "atividades de pesquisa" consistiram em fazer muitas leituras e muitas resenhas. Publiquei todas elas no Suplemento Literário de O Estado de São Paulo, na Alfa, e em outras revistas. Houve um tempo em que eu só fazia isso ! Resenhar obriga a selecionar as idéias principais dos textos, e a esforçar-se por reproduzi-las de modo claro, no pouco espaço disponível. Creio que foi bom começo.

Ao realizar a pesquisa propriamente dita, acabei por concentrar-me nos seguintes tópicos: (1) Semântica e Sintaxe das Classes de Palavras, (2) Projetos Coletivos de Pesquisa, (3) Caracterização funcionalista da Língua Falada, (4) Vária.

Não devo entrar neste tópico sem antes ressaltar o papel da FAPESP na vida acadêmica paulista. Não teria sido possível realizar nem a metade dessas atividades sem o continuado apoio financeiro dessa esplêndida Fundação, à qual minha geração - e a de nossos orientandos - devemos um sem número de oportunidades.

3.1 - Semântica e Sintaxe das Classes de Palavras

Tenho feito pesquisas sobre o verbo, os artigos, os pronomes, os advérbios, os adjetivos e a conjunção *mas*.

3.1.1 - Estudos sobre o Verbo

O Verbo foi minha primeira área de estudos. Dai tirei o tema de minha tese de doutoramento, orientada pelo Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr.

Ele tinha um jeito singular na orientação de seus doutorandos. Ouvia com paciência e sem muita interação as coisas que a princípio lhe dizíamos. Imagino de quanta resignação ele não precisou, quando lhe disse, com a esplêndida ignorância dos jovens, que tinha escolhido o Verbo como tema de minha tese de doutoramento. O Verbo! Só isso !!

Entretanto, quando o candidato se firmava no tema, ele começava a dialogar para valer. No meu caso, isso se deu após uma curta estadia em Portugal. Discuti o vasto tema que ingenuamente me impusera com Luís Felipe Lindley Cintra, Jacinto do Prado Coelho e Manuel de Paiva Boléo. Das conversas concluí que deveria limitar-me a uma das categorias expressas pelo Verbo. Escolhi o Aspecto.

As pesquisas sobre o aspecto vinham percorrendo três momentos, não excludentes: (i) Léxico-semântica do Aspecto, com o estabelecimento das famosas "Aktionsarten"; (ii) Semântica-Sintaxe do Aspecto, com o estudo da interação das noções aspectuais já codificadas no item lexical com a flexão temporal, as perífrases, os argumentos do verbo, os adjuntos adverbiais e o padrão sentencial. A noção aspectual daí resultante pode ou não confirmar a Aktionsart do item, assumindo um caráter composicional ineludível. (iii) Condições discursivas e Aspecto, em que se avaliam as correlações entre "foregrounding", "backgrounding" e Aspecto.

Na Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa, 1968, defendida na USP em 1966, integrei-me na segunda vertente acima. Após debater a complicada "questão do Aspecto", optei por uma abordagem funcionalista, entendida como a busca das expressões que codificam a duração, o completamento da ação e a repetição, em textos escritos. Num segundo momento da análise, identifiquei as "fontes" da noção estudada, caracterizando o quadro dos Aspectos Imperfectivo, Perfectivo e Iterativo. Esse trabalho foi precedido pelo artigo *Estruturalismo, História e Aspecto Verbal*, 1963, em que me concentro na

abordagem estruturalista dessa categoria, e seguido por *Onomasiologia no Léxico e na Sintaxe*, 1967, escrito em parceria com Enzo Del Carratore, em que detalhamos a abordagem onomasiológica (ou funcionalista, como se diria hoje) dos fenômenos lingüísticos. Posteriormente, redigi um artigo-resumo, *Sur l'aspect verbal en portugais*, 1970, publicado na Romênia.

A Introdução foi o primeiro livro sobre o Aspecto na Língua Portuguesa, tendo sido longamente resenhado por Luiz Carlos Travaglia, em 1981, e por Wolf Dietrich, em 1983.

A publicação da Dissertação de Mestrado de Luiz Carlos Travaglia fez-me voltar ao assunto. No artigo-resenha *Ainda o Aspecto Verbal*, 1984, comento as decisões tomadas por ele, e proponho uma rerepresentação do Aspecto, que seria surpreendido em sua face qualitativa (Aspecto Imperfectivo, Aspecto Perfectivo) e quantitativa (Aspecto Semelfactivo, Aspecto Iterativo). Essas idéias avançam perspectivas sobre o fenômeno da predicção, ao qual voltaria mais tarde, quando descreveria os Advérbios no Português Falado.

Dadas minhas obrigações junto ao Projeto de Gramática do Português Falado, retornei ao tema em 1993, submetendo aos pesquisadores um projeto de descrição do Aspecto, juntamente com Célia Maria Moraes de Castilho. A primeira versão desse trabalho, ainda inacabado, contou com a colaboração das alunas de pós-graduação Evani de C. Viotti e Rosane L. Ikeda, além do bolsista de IC Ronald B. Mendes, cujo texto *Quantificação e Aspecto Verbal: o caso da perífrase estar + -ndo* foi publicado em 1995.

A nova proposta procura caracterizar mais fortemente o aspecto como uma das propriedades da predicção verbal, ao lado da estrutura argumental, da rede temática, do tempo, do modo e da voz. Em decorrência disso, foi necessário rever a grade aspectual, de maneira a incluir os verbos que selecionam sujeito /estativo/. A nova proposta, cujo exame empírico ainda está em curso, propõe que na Língua Falada ocorrem os Aspectos Permansivo (sujeito /estativo/), Operativo (sujeito /ativo/, compreendendo o Imperfectivo e o Perfectivo), Iterativo e Resultativo.

Em A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português, 1967, apresento as direções dos estudos sobre o Tempo, e descrevo os tempos do passado em textos do português medieval, clássico e contemporâneo. O livrinho foi resenhado por Ricardo Carballo Calero e por Manfred Sandmann.

Voltei ao assunto com os artigos *A Dimensão Textual do Verbo*, 1978, e *O Presente do Indicativo na Oração e no Texto*, 1984, em que me valho dos materiais do Projeto NURC, destacando o papel dos tempos na articulação do texto. Ainda na vigência desse Projeto, orientei (i) Dissertações de Mestrado, (ii) trabalhos de Aperfeiçoamento e (iii) de IC, com base no estudo do Verbo tal como previsto no Guia-Questionário desse Projeto. Foram terminados os seguintes trabalhos: (i) Alba M.C. Bezerra, A Forma Verbal em -ria, 1980, publicada em 1993; Nilza Aparecida Barbosa, O Subjuntivo no Português Culto de São Paulo, 1980; Maria Isaura Baleeiro, O Futuro do Presente no Português Culto de São Paulo, 1982; (ii) Egon de Oliveira Rangel, *O Infinitivo no Português Culto de São Paulo*, publicado em duas partes, em 1978 e em 1980; (iii) Márcia Rebechi, *O Gerúndio no Português Culto de São Paulo*, publicado em 1980.

Em seu conjunto, esses trabalhos apontavam para uma série de inadequações do instrumento de análise do Projeto NURC. Reuni minhas observações a esse respeito em *O Projeto NURC e a Sintaxe do Verbo*, 1981a. Pude discutir o conteúdo desse trabalho com o Prof. Lope Blanch, por ocasião do Nono Simpósio do PILEI, realizado em 1981 na Universidade Cornell: *El Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Culta. Formalismo y semantismo en la sintaxis verbal*, 1984b. Convenci-me que o Projeto NURC estava numa encruzilhada, e seria conveniente aumentar os interlocutores para preservar os propósitos originais de uma ampla descrição do português falado.

3.1.2 - O Artigo

O estudo *O Artigo no Português Culto Falado em São Paulo*, 1989, foi apresentado à XIII Reunião Nacional do Projeto NURC, realizada em Campinas, em 1985. Comparo o artigo definido ao indefinido, concluindo que este integra outra classe, a dos Quantificadores Indefinidos. A extrema gramaticalização dessa classe aconselha uma descrição em que se comparem seus usos a seus não usos, nas entrevistas do Projeto NURC. Nesse trabalho, concluo

que uma análise estritamente sintático-oracional não dá conta dessa classe, cujas funções discursivas ressaltam com clareza maior das expressões. Atuando como endofórico e exofórico, o Artigo concorre para a progressão temática do texto. Mas a comparação entre o Artigo Definido e os Demonstrativos, seus primos-irmãos, me levaria ao estudo desta classe de palavra.

3.1.3 - Os Pronomes Demonstrativos

Em *Análise Preliminar dos Demonstrativos*, 1978, mostrei que a tripartição *este/esse/aquele*, sustentada pelas gramáticas escolares, não pode ser comprovada na fala culta. Ali, os Demonstrativos têm um papel coesivo-textual mais importante que os valores dêiticos que as descrições vinham focalizando. Minha orientanda de Mestrado, Sílvia Pavani, ampliou essas evidências em *Os Pronomes Demonstrativos no Português Culto de São Paulo*, 1987.

Retornei ao assunto, já na vigência do Projeto de Gramática do Português Falado, com o ensaio *Os Mostrativos no Português Falado*, 1993. Argumento ali, a partir de uma proposta de Aryon Dall'Igna Rodrigues, que os pronomes pessoais *ele* e *o*, o Artigo Definido *o*, os Pronomes Demonstrativos *o*, *este*, *esse*, *aquele*, *isto*, *isso*, *aquilo* compartilham propriedades sintático-semânticas comuns tais que seria mais recomendável ordená-los numa classe única, a que denominei "Mostrativos". Mesmo tendo limitado a análise aos "demonstrativos tradicionais", pude concluir que os Mostrativos compreendem quatro subclasses: A (*ele*, *o*), B (*este*, *esse*, *aquele*, em que *esse* leva a palma, com 58% de ocorrências), C (*isto*, *isso*, *aquilo*, em que predomina *isso*, com 67% de ocorrências), e D, os menos prototípicos dos Mostrativos (*mesmo*, *próprio*, *tal*, *semelhante*).

3.1.5 - Advérbios e Adjetivos

Em 1989, Ilari et alii tinham apresentado um primeiro quadro dos Advérbios, de que se examinavam propriedades sintáticas (Advérbios de Constituinte x Advérbios de Sentença) e semânticas (Advérbios Predicadores, que "modificavam" seu escopo, no sentido de que lhe davam contribuição semântica, x Advérbios Não-Predicadores, sem esse requisito).

Num segundo momento, os pesquisadores do Projeto de Gramática do Português Falado detalharam mais os tipos ali propostos. Juntamente com Célia Maria Moraes de Castilho, publicamos o artigo *Advérbios Modalizadores*, 1992, descrevendo as subclasses dos Epistêmicos (como *realmente, provavelmente, talvez, quase, um tipo de*, etc.), os Deônticos (como *obrigatoriamente, necessariamente*) e os de Modalização Afetiva (como *felizmente, sinceramente*). Esse trabalho avançava a hipótese de que os Modalizadores realizam uma sorte de hiperpredicação do conteúdo proposicional. Voltei ao assunto, no artigo escrito com Mary Kato, *Advérbios modalizadores: um novo núcleo predicador ?*, 1991, em que se postula um estatuto diferenciado ao sufixo *-mente*.

A Dissertação de Mestrado de Célia Maria Moraes de Castilho, *Os Delimitadores no Português Falado*, 1991, co-orientado por Claire Blanche Benveniste, é uma aplicação da Teoria dos Protótipos ao estudo dos Advérbios, situando-se nesta fase das pesquisas.

Revisitei o assunto em minha tese de livre-docência *A Predicação Adverbial no Português Falado*, 1993. O trabalho se compõe de três capítulos centrais, a Predicação Adverbial Modalizadora, Quantificadora e Qualificadora, tendo-me permitido investigar mais a fundo os mecanismos da predicação. Partindo de uma visão modular da língua, descrevo esses Advérbios no plano semântico, sintático e discursivo, com ênfases diferenciadas, e aponto para novas pesquisas nesse campo. Os Advérbios Modalizadores veiculam a posição do falante sobre o conteúdo da classe-escopo. A contribuição semântica dos Quantificadores consiste em interferir na extensão da classe-escopo; os Aspectualizadores Quantitativos e os Delimitadores integram essa grande classe. Finalmente, a contribuição semântica dos Qualificadores está em interferir nas propriedades intensionais da classe-escopo; encarregam-se dessa tarefa os Quase-Argumentais, os Graduadores, os Aspectualizadores Qualitativos, os Aproximadores e os Confirmadores.

De novo com Célia Maria Moraes de Castilho, testamos a questão da predicação em *Adjetivos Predicativos*, 1993, e em *Adjectival Hedges in the Spoken Brazilian Portuguese*, 1993, no prelo. Em *Um Ponto de Vista Funcional sobre a Predicação*, 1994, reúno as principais observações feitas nesses trabalhos.

Em visitas a grupos de pesquisadores do exterior, apresentei resultados parciais dessas pesquisas: *Sur les adverbes de modalisation dans le portugais parlé au Brésil*, 1990, palestra para o "Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe", e *Adverbial and Adjectival Predication in the Spoken Brazilian Portuguese*, 1993, intervenção no "Workshop on Functional Linguistics", Universidade da Califórnia em Santa Bárbara.

3.1.6 - A Conjunção *mas*

Escrevi sobre esse assunto o artigo *Língua Falada e Gramaticalização*, 1996. Examinei aí os diferentes usos de *mas*, concluindo que na Língua Falada guarda-se uma sorte de memória histórica das conjunções. Há nas entrevistas abundantes exemplos de *mas* ligador de segmentos textuais e iniciador de turnos, em que ela está muito próxima de *magis*, enquanto Advérbio de Inclusão. O artigo propõe que do valor de adicionador destacou-se o valor contrajuntivo por um processo de metonímia, em que *mas* assimilou a negação expressa em outra parte na sentença.

3.2 - Projetos Coletivos de Pesquisa

Em diversas ocasiões destaquei o fato de que a Lingüística no Brasil ingressou, a partir dos anos 70, numa nova etapa de seu desenvolvimento, quando equipes de pesquisadores passaram a reunir-se para a realização de tarefas em comum. Envolvi-me em dois desses Projetos Coletivos: o Projeto NURC/SP, como um de seus Coordenadores, e o Projeto de Gramática do Português Falado, como seu Coordenador Geral. A partir de 1995 dei início ao Projeto de História do Português de São Paulo.

3.2.1 - O Projeto NURC

Graças às publicações que recebíamos em Marília, por intercâmbio com a revista *Alfa*, tomei conhecimento do "Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Urbana Lingüística Culta", concebido em 1967 pelo Prof. Juan Manuel Lope Blanch, do Colegio de México. O PILEI tinha aprovado sua proposta, e a combatividade do Prof. Blanch tinha atraído para o projeto as maiores lideranças da Lingüística Hispano-Americana da época.

Esse projeto trazia a pesquisa dialetológica para a área urbana, sendo sua indagação central verificar até que ponto o Espanhol e o Português da América tinham sido afetados pelo rápido processo de urbanização por que passa o subcontinente americano.

Achei excelentes as motivações desse trabalho. Com base nele, propus sua aplicação ao Estado de São Paulo, submetendo a proposta respectiva a alguns professores brasileiros: *Projeto de Descrição do Português Culto na Área Paulista*, 1969a. Fui então informado pelo Prof. Nelson Rossi, da UFBA, que ele tinha sido encarregado pelo PILEI de trazer o Projeto ao Brasil. Desisti então de minha proposta, e passei a coordenar, juntamente com o Prof. Salum, esse Projeto em São Paulo, com o apoio da FAPESP.

A proposta do Prof. Nelson Rossi tinha o grande mérito de reconhecer o policentrismo cultural brasileiro, o que recomendava que o Projeto se desenvolvesse em mais de uma cidade. Ele indicou quatro capitais do séc. XVI, Recife, Salvador, Rio de Janeiro e São Paulo, e uma do séc. XVIII, Porto Alegre.

O grupo do Prof. Rossi já dispunha de muita experiência de pesquisa de campo, e exercia no interior do Projeto uma liderança natural. Em seus primeiros momentos, esse Projeto demandou vários trabalhos de divulgação de seus propósitos e de discussão dos conceitos em que se firmava, alguns deles mal compreendidos pelos que se opunham a ele, como o de "norma culta", por exemplo. Escrevi, por isso, os artigos *A Descrição do Português Culto*, 1969b, *Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta de Algumas das Principais Capitais do Brasil* 1971d, e *O Estudo da Norma Culta do Português do Brasil*, 1973c. Reuni os documentos hispano-americanos e brasileiros relativos ao Projeto no livrinho Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta de Algumas das Principais Capitais Brasileiras, 1970.

A primeira equipe de documentadores atuou de 1970 a 1973, sob a coordenação de Ada Natal Rodrigues e a participação, entre outros, de Fernando Tarallo, Esmeralda Vailatti Negrão, que viriam a dedicar-se ao magistério universitário. Em 1973, o Prof. Isaac Nicolau Salum deixou a coordenação, convidando o Prof. Dino Preti a substituí-lo, e assim São Paulo continuou a ter dois

coordenadores.. Esse Colega concluiu a formação do corpus, dando início à publicação de amostras. Publicamos juntos os dois primeiros volumes, A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vols. I e II, 1986-1987, tarefa que ele continuaria com Hudinilson Urbano, publicando-se em 1988 o volume III. Essa decisão, que se deve à persistência do Dino, teve uma importância inesperada, pois determinou a multiplicação dos interesses sobre a língua falada no Estado e no país.

Vários estudos inéditos começaram a acumular-se, o que me levou a publicar a coletânea O Português Culto Falado no Brasil, 1989a. Para historiar esse Projeto e relacionar sua produção, escrevi *O Português Culto Falado no Brasil: História do Projeto NURC/Brasil*, 1990b.

3.2.2 - Projeto de Gramática do Português Falado

Como já disse, a publicação dos materiais do Projeto NURC em São Paulo deu surgimento a uma enorme quantidade de pesquisas sobre a Língua Falada, notadamente na área da Análise da Conversação, impulsionada por Dino Preti na USP e por Luiz Antonio Marcuschi, na Universidade Federal de Pernambuco. Preocupava-me a questão da descrição gramatical, que estava na base da proposta original e, ao mesmo tempo, o fato de que as equipes se viam a braços com dificuldades de abordagem teórica e metodológica. Pensei então em "começar tudo de novo", convidando outros pesquisadores, que viriam a reunir-se no "Projeto de Gramática do Português Falado".

A convite da Profa. Maria Helena Moura Neves, apresentei uma proposta a esse respeito, em 1987, por ocasião de um dos Encontros Nacionais da ANPOLL. A receptividade foi muito boa, e já no ano seguinte, em reunião preparatória realizada na UNICAMP, resolvemos realizar o I Seminário do Projeto.

Os pesquisadores tiveram seu número bastante aumentado, chegando a 35, provenientes de 12 universidades brasileiras. Eles se organizaram por Grupos de Trabalho, cada qual com uma proposta teórica e uma agenda de atividades, que se esgotou em dezembro de 1995. Os textos preparados no interior dos GTs eram debatidos em Seminários Anuais, de que se realizaram nove, após o que esses trabalhos saíam em série própria, editada pela Editora da UNICAMP, com apoio

financeiro da FAPESP. O debate teórico foi confiado ao Prof. Milton do Nascimento, então da UFMG, convencendo-se que entre 1996 e 1997 os ensaios assim produzidos seriam integrados no volume da gramática propriamente dita.

Até o momento, foram produzidos 102 ensaios, tendo saído quatro volumes da série Gramática do Português Falado. Organizei o primeiro (1990), o terceiro (1993) e o quarto, este juntamente com Margarida Basílio (1996). O segundo foi organizado por Rodolfo Ilari (1991), o quinto por Mary Kato (1996); o sexto e o sétimo estão sendo organizados, respectivamente por Ingedore Koch, e Maria Helena Moura Neves e Ângela C.S. Rodrigues.

Para divulgar o Projeto, e debater alguns de seus aspectos particulares, escrevi os artigos *Para uma Gramática do Português Falado*, 1989f, *Projeto de Gramática do Português Falado*, 1991e, *A Gramática do Português Falado: aspectos teóricos*, 1995e, *A Língua Falada e sua Descrição*, 1995a e *Para uma Gramática do Português Falado*, 1995b.

Ao longo dessas atividades, fui desenvolvendo observações sobre a natureza da língua falada: v. item 3.3.

3.2.3 - Projeto de História do Português de São Paulo

Aproximando-se o término das descrições do Português Culto Falado em São Paulo, pensei que uma boa indagação suplementar seria investigar como se tinha organizado historicamente essa variedade.

Assim, em 1995 submeti ao Programa de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da USP o texto *Projeto de História do Português de São Paulo*, que passou a integrar uma de suas linhas de pesquisa. Esse projeto ecoa algumas das interessantes considerações formuladas por Rosa Virgínia Mattos e Silva, em seu "Projeto de História do Português", 1991.

Meu texto discute as alternativas da Linguística Histórica do Português, segundo se aplique à România Velha ou à România Nova, explora alguns argumentos já apresentados em meu texto *O Português do Brasil*, 1989c, e

propõe um plano de atividades que compreende (i) a constituição do corpus, (ii) a História Social do Português de São Paulo, (iii) Sintaxe Diacrônica do Português de São Paulo. Para realizar as tarefas elencadas em (i), oriento o Mestrando Marcelo Módolo e três alunos de IC, Marcos Sagatio, Verena Kewitz e Glauce Passeri, todos com bolsas da FAPESP. Esse grupo apresentou seus primeiros resultados ao XLIV Seminário do GEL, realizado em Taubaté neste ano de 1996.

Um coincidência notável poderá transformar esse projeto em novo projeto coletivo. Sucede que Jânia Ramos, da UFMG, principiou projeto semelhante para Ouro Preto, o doutorando Afrânio Oliveira faz o mesmo na UFRJ, e eu mesmo estou orientando as teses de Doutorado de Gilvan Muller de Oliveira ("História Social do Português de Florianópolis"), Tânia Lobo ("História Social do Português de Salvador") e Miguel Salles ("História Social do Português de São Paulo").

Para verificar a conveniência de reunir todos esses pesquisadores num projeto único, convidei-os a realizar em março de 1997 o "I Seminário Para a História do Português do Brasil". Caso se obtenham financiamentos da FAPESP, esse projeto teria sua sede na USP.

3.3 - Caracterização Funcionalista da Língua Falada

Desde meu doutorado já tinha me inclinado a descrever as estruturas lingüísticas segundo o modo como elas representam os conceitos.

Quando passei a refletir sobre o oral, a partir de 1978, convenci-me de que a perspectiva funcional da língua é mais sensível aos processos que se desencadeiam no interior da conversação, mesmo reconhecendo que a Sintaxe Funcional não dispõe ainda de nitidez teórica.

Há, com efeito, certa unanimidade no reconhecimento de que o Formalismo e o Funcionalismo são duas grandes correntes que perpassam a reflexão lingüística. Complicado, mesmo, é obter uma caracterização plenamente aceitável dessas correntes, tais e tantas são as sobreposições que aí se encontram.

Mesmo correndo o risco da caricatura, vou admitir que as seguintes afirmações caracterizam a posição formalista e a posição funcionalista.

Formalismo: *A língua é um conjunto de orações, cujo correlato psicológico é a competência, isto é, a capacidade de produzir, interpretar e julgar a gramaticalidade das orações. Segue-se que as orações devem ser descritas independentemente de sua localização contextual, e a Sintaxe é autônoma com respeito à Semântica e à Pragmática. Diferentes graus de idealização dos dados podem ser considerados, sendo indispensável seguir considerando uma Língua I, distinta de uma Língua E.*

Funcionalismo: *A língua é um instrumento de interação social, cujo correlato psicológico é a competência comunicativa, isto é, a capacidade de manter a interação por meio da linguagem. Segue-se que as descrições das expressões lingüísticas devem proporcionar pontos de contacto com seu funcionamento em dadas situações. A Pragmática é um marco globalizador, dentro do qual deve estudar-se a Semântica e a Sintaxe.*

A Sintaxe Funcional contextualiza a língua na situação social que gera as estruturas. Para captar a "situação social", diferentes abordagens são propostas. Essas abordagens têm em comum eleger o Discurso e a Semântica como componentes centrais da gramática de uma língua. Como reconheceu Halliday, a Sintaxe Funcional concentra a atenção nos usuários e nos usos da língua, mediante uma valorização do receptor, do emissor e da variação lingüística no quadro da reflexão gramatical. Ao contextualizar os fatos gramaticais na situação de fala que os gerou, a Sintaxe Funcional toma como ponto de partida os sentidos, os significados e as significações das expressões lingüísticas, para em seguida indagar como elas se codificam gramaticalmente. Recorrendo de novo ao entendimento da língua como um conjunto de sistemas, pode-se reconhecer que a Sintaxe Funcional toma os sistemas semântico e discursivo como inputs de que o sistema sintático é um output. Por outras palavras, postula-se que a língua exista não porque disponha de uma estrutura, mas sim que sua estrutura existe em vista da necessidade de cumprir certas funções. A correlação assimétrica entre funções e estruturas explica a heterogeneidade natural das línguas. Como decorrência disto, um estudo funcionalmente orientado prejudica a busca imediata de generalizações que se

encontram na comparação das línguas entre si, privilegiando o estudo empírico de uma dada língua.

Há diferentes direções da Sintaxe Funcional, dadas as diferentes abordagens da competência comunicativa. Pelo menos três grandes direções poder ser aí identificadas: (i) competência como um princípio cognitivo, (ii) competência como processamento da informação, e (iii) competência como a habilidade de manter a interação conversacional. Em meus trabalhos, acabei por ~~operar~~ ^{trabalhar} com essas direções.

(1) Sob o rótulo competência comunicativa e cognição estou reunindo dois pontos da agenda da Sintaxe Funcional: a Teoria dos Protótipos, aplicada ao trabalho de definir as categorias lingüísticas, e a Semântica das classes de palavras.

Lakoff e Givón dissertaram sobre as duas fontes da categorização lingüística: a categorização clássica, elaborada por Aristóteles e retomada pela semântica de Frege e pela Gramática Gerativa, e a categorização natural, elaborada por Wittgenstein e retomada a partir dos anos 80 pela Psicologia, pela Antropologia e pela Lingüística Cognitiva. A consideração de que há advérbios "mais adverbais", como os Predicativos, e advérbios "menos adverbais", como os Não-Predicativos pode ser vista como uma aplicação da Teoria dos Protótipos à descrição das expressões lingüísticas.

Quanto à Semântica das Classes de Palavras, devem ser lembrados os trabalhos de alguns dos pesquisadores do Grupo de Sintaxe I do Projeto de Gramática do Português Falado. Deixando de lado as relações estruturais que as palavras constituem na sentença, esses pesquisadores ~~buscaram~~ foram constituindo um plano de investigações semânticas, sumarizado por Maria Helena Moura Neves em três polos: a predicação, a conjunção e a foricidade, aí incluída a dêixis.

Como já disse, dei início à investigação sobre a predicação com a análise dos Verbos, dos Advérbios e dos Adjetivos. A investigação da foricidade tomou os Pronomes como seu objeto. Finalmente, a investigação da Conjunção está em andamento, descrevendo-se as Preposições e as Conjunções Coordenativas

e Subordinativas. No item 3.1, mencionei meus trabalhos sobre as classes de palavras e sua semântica.

(2) A competência comunicativa como processamento da informação é outra tendência da Sintaxe Funcional, desenvolvida pela Escola Lingüística de Praga, com sua Teoria da Articulação Tema-Rema. Essa teoria foi adaptada por M.A.Halliday, que postula que a gramática é o mecanismo lingüístico que liga umas às outras as seleções significativas que derivam das várias funções da linguagem, e as realiza numa forma estrutural unificada. O seguinte quadro dá conta dessa postulação:

FUNÇÃO	SISTEMA
Ideacional	Transitividade (especificação dos papéis dos elementos da sentença: "ator", "meta", etc.)
Interpessoal	Modo (sujeito/predicador/complemento/finitude)
Textual	Tema e Informação

Atento à função textual, postulei em *Para o Estudo das Unidades Discursivas do Português Falado*, 1989, que a Teoria da Articulação Tema-Rema poderia ser estendida ao estudo da composição do texto falado, em que se podem reconhecer conjuntos de sentenças tematicamente centradas (e relevantes para a elaboração do tópico conversacional) - as Unidades Discursivas -, formalmente identificadas por dispor de uma margem esquerda, preenchida por Marcadores Conversacionais orientados para o texto, e por uma margem direita, preenchida por Marcadores Conversacionais orientados para o monitoramento do interlocutor. O Tema textual é dado pelos Marcadores da esquerda, que funcionam como um ponto de partida para o estabelecimento da interlocução e a "formatação" do texto que se está produzindo. O Rema é dado pelas sentenças que compõem o núcleo dessas Unidades. Tema e Rema passam a ser entendidos numa forma discursiva.

Um novo alento à abordagem funcionalista da Língua Falada ocorreu em 1987, quando convidei a Profª. Paola Bentivoglio, da Universidade Central de Caracas, a coordenar um Grupo de Trabalho em Campinas, para o estudo da

ordem do sujeito nominal. Vários Colegas da USP e alunos da UNICAMP tomaram parte na iniciativa, de que resultou o texto inédito de minha organização, A Ordem do Sujeito Nominal no Português Culto Falado em São Paulo, 1987b. O trabalho promoveu algumas aproximações com o grupo do Rio de Janeiro, organizado por A. Naro, e mostrou algumas correspondências entre posposição do sujeito e peso fonético do sintagma respectivo, seu estatuto informativo, entre outros fatores.

(3) Finalmente, a competência comunicativa pode ser entendida como habilidade para manter a interação verbal, e essa é a terceira direção que identifico na Sintaxe Funcional.

Em diversas ocasiões, lingüistas brasileiros se perguntaram sobre o estabelecimento de um programa em que se passasse da Análise da Conversação para a Análise Gramatical. Lygia Corrêa Dias de Moraes defendeu na USP, em 1987, uma tese em que são feitas várias aproximações entre as categorias da conversação e a emergência de nexos coordenativos. Luiz Antonio Marcuschi, em 1989, propôs um programa de indagações na mesma direção. Em *Variedades Conversacionais*, 1983 e em *Da Análise da Conversação para a Análise Gramatical*, 1989, segui também por esse caminho. Mas reconheço que foi Sandra Thompson quem conseguiu deslanchar esse projeto, cujas principais proposições aparecem em seu artigo, escrito juntamente com Ono, *What conversation can tell us about Syntax ?*, 1993.

Thompson afirma que a gramática está inserida na situação conversacional. Ora, a interação lingüística é basicamente uma passagem de turnos, e os gramáticos não se deram conta disto em suas reflexões sobre a língua. Os lingüistas que vêm trabalhando na interface Análise da Conversação / Gramática consideram que é uma boa idéia inspecionar as construções gramaticais de um ponto de vista interacional.

É de supor que continuemos nessa trilha em trabalhos vindouros. Em *Problemas de Descrição da Língua Falada*, 1994a, dei um balanço nas reflexões acumuladas até aqui.

3.4 - *Vária*

Agrupo aqui outros trabalhos de pesquisa.

3.4.1 - Nomenclatura gramatical

O impacto da Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira sobre o ensino do Português foi tematizado num trabalho escrito em parceria com Enzo Del Carratore, A Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira e suas Relações com a Terminologia Latina, 1965a. Comparamos ali a tradicional nomenclatura latina com a NGB, expondo nossos resultados numa reunião com professores secundários.

3.4.2 - Trabalhos de conjunto sobre o Português

Em alguns artigos e verbetes de dicionários especializados, refleti sobre o Português do Brasil e o português em geral: *A Língua Portuguesa no Brasil*, 1962b, *Rumos da Dialetologia Portuguesa*, 1972a, *A Língua Portuguesa no Brasil*, verbe do Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira, *O Português do Brasil*, 1989c, publicado no livro Lingüística Românica, de Rodolfo Ilari, *Portuguese*, 1993, na The Encyclopedia of Language and Linguistics.

3.4.3 - História da Lingüística Portuguesa

Sempre considerei interessante "fazer Linguística" e "observar o que se faz em Linguística". Levado por este último interesse, fui preparando relatos históricos e reflexões sobre essa ciência ao longo da vida: *Estudos Lingüísticos no Brasil*, 1962c, *A Cadeira de Lingüística no Curso de Letras*, 1965d, *Pós-Graduação e planejamento da pesquisa lingüística*, 1973b, *A Lingüística Portuguesa no Brasil nos anos 70*, 1981b, *Quinze Anos de Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo*, 1984d, *O Lingüista Theodoro Henrique Maurer Jr.*, 1988, *O Papel do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, de 1969 a 1971*, 1989g, *Avanços na Pesquisa Sociolingüística: o estudo da língua falada*, 1991c., *Para a História da Associação Brasileira de Lingüística*, em parceria com Maria Cristina F.S. Altman, 1994b.

3.4.4 - Um manual de Lingüística Portuguesa

Desde que comecei a lecionar, dei pela falta de um manual que apresentasse aos alunos de Letras o estado atual da ciência.

Comecei a escrever um trabalho, realizado em duas terças partes, do qual cedo capítulos aos alunos de graduação. Esse manual está assim organizado:

INTRODUÇÃO: A TEORIA DA LINGUAGEM E A LINGÜÍSTICA

- 0. Generalidades sobre a linguagem.
 - 1. Língua falada e Língua escrita.
 - 2. Concepção Modular da Língua
 - 3. A Língua como Atividade
 - 3.1 - Língua e atividade mental
 - 3.2 - Língua e estrutura
 - 3.3 - Língua e atividade social

PARTE I - SEMÂNTICA, DISCURSO E GRAMÁTICA

Apresentação da Parte I: A língua como enunciação.

Cap. I - A Semântica

Introdução: Teoria do Signo Lingüístico, Semântica, Áreas de atuação da Semântica.

I.1 - Semântica Léxica

- I.1.1 - O sema como unidade semântica
- I.1.2 - Denotação e conotação
- I.1.3 - Sinonímia, antonímia, hiperonímia
- I.1.4 - Metáfora e Metonímia
- I.1.5 - Campos semânticos

I.2 - Semântica Relacional

- I.2.1 - Referenciação
- I.2.2 - Predicação
- I.2.3 - Foricidade
- I.2.4 - Aspecto
- I.2.5 - Déixis: Pessoa, Tempo, Voz, Modo e Modalidade.

I.3 - Semântica Situacional

- I.3.1 - Fluxo da Informação
- I.3.2 - Implicação e Pressuposição
- I.3.3 - Semântica Argumentativa

Cap. II - O Discurso

Introdução: Teoria dos Atos de Fala.

II.1 - Análise do Discurso.

II.2 -Análise da Conversação.

II.3 - Lingüística do Texto.

Cap. III - A Gramática

Introdução: a Língua como Enunciado.

III.1 - Teoria Gramatical: Descrição x Explicação

III.2 - Princípios e Procedimentos descritivos. Níveis de análise lingüística

III.3 - Teoria Fonológica

III.4 - Teoria Morfológica

III.5 - Teoria Sintática

Apêndice: Cronologia dos Estudos de Semântica, e de Discurso. Gramáticas do Português.

PARTE II - ESTRUTURA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Apresentação da Parte II.

Cap. I - Fonologia do Português

Introdução: Fonética e Fonologia

I.1 - A Prosódia: Ritmo, Acento, Velocidade.

I.2 - Fonemas vocálicos

I.3 - Fonemas consonantais

I.4 - Estrutura da sílaba

Cap. II - Morfologia do Português

Introdução: Morfologia Flexional e Morfologia Derivacional

II.1 - Morfologia Flexional

II.1.1. A Estrutura do Nome: Rad+VT+MF.

II.1.1.0 - Substantivos e Adjetivos simples e compostos.

II.1.1.1 - Regras de pluralização.

II.1.1.2 - Regras de formação do feminino.

II.1.1.3 - Regras de formação do grau.

II.1.2. Os Pronomes

II.2.1 - Pronome Pessoal

II.2.2 - Pronomes Demonstrativos

II.2.3 - Pronomes Indefinidos

II.2.4 - Pronomes Quantificadores

II.1.3. A Estrutura do Verbo: Rad+VT+SMT+SNP.

II.1.3.0 - V simples e compostos. Remeter para III.2.2.2 para a questão da

auxiliaridade.

II.1.3.1 - O problema da vogal temática.

II.1.3.2 - Os sufixos modo-temporais.

II.1.3.3 - Os sufixos número-pessoais.

II.2 - Morfologia Derivacional.

- II. 2.0 - Condições de produção e condições de produtividade.
- II. 2.1 - A derivação prefixal e sufixal. A parassíntese.
- II. 2.2 - A composição.
- II. 2.3 - Processos neológicos.

II.3 - O Dicionário

- II.3.1 - A entrada lexical
- II. 3.2 - Frequência e disponibilidade
- II. 3.3 - Tipologia dos dicionários

Cap. III - Sintaxe do Português

Introdução: Conceito e estruturas da sentença

- III.0.1 - Estrutura fonológica
- III.0.2 - Estrutura sintática
- III.0.3 - Estrutura semântica
- III.0.4 - Estrutura informacional

III.1 - A Sentença Simples

- III.1.1 - A Estrutura Argumental do Verbo e a Sentença Simples
- III.1.2 - Sentenças Simples e Atos de Fala: as Asseverativas, as Interrogativas e as

Imperativas

- III.1.3 - As Pro-Sentenças

III.2 - Estrutura sintagmática da sentença

- III.2.1 - O Sintagma Nominal.
- III.2.2 - O Sintagma Verbal
- III.2.3 - O Sintagma Adjjetival
- III.2.4 - O Sintagma Adverbial
- III.2.5 - O Sintagma Preposicionado

III.3 - Estrutura funcional da sentença.

Apresentação: Predicação, complementação e adjunção. Ordem marcada x ordem não-marcada. Concordância. A categoria vazia.

- III.3.1 - O sujeito.
 - III. 3.1.1 - Classes de preenchimento
 - III. 3.1.2 - Ordem de figuração
 - III. 3.1.3 - Sujeito e categoria vazia
- III.3.2 - A complementação: OD, OI, OBL.
 - III. 3.2.1 - Classes de preenchimento
 - III. 3.2.2 - Ordem de figuração
 - III. 3.2.3 - Complementos e categoria vazia.
- III.3.3 - A adjunção.
 - III. 3.3.1 -Adjunção adnominal
 - III.3.3.2. Adjunção adverbial

III.4 - As Sentenças Complexas

III.4.0 - Processos de conexão sintática: a independência, a dependência e a interdependência

III. 4.1 - Estruturas Coordenadas

III.4.1.1 - Coordenadas Aditivas

III.4.1.2 - Coordenadas Alternativas

III.4.1.3 - Coordenadas Adversativas

III. 4.2 - Estruturas Subordinadas

III.4.2.1 - Subordinadas Substantivas

III.4.2.2 - Subordinadas Adjetivas

III.4.2.3 - Subordinadas Adverbiais

III. 4.3 - Estruturas Correlatas

III.4.3.1 - Correlatas aditivas

III.4.3.2 - Correlatas alternativas

III.4.3.3 - Correlatas comparativas

III.4.3.4 - Correlatas consecutivas

Apêndice: Cronologia dos estudos de Fonologia, da Morfologia e da Sintaxe Portuguesa. Cronologia dos dicionários portugueses

PARTE III - HISTÓRIA DA LÍNGUA PORTUGUESA

Apresentação: Teoria da Mudança Lingüística

1. De que trata a Lingüística Histórica ?
2. O Problema da Gramaticalização
3. Teorias sobre a Mudança Lingüística
4. A Filologia e a Lingüística Histórica

Cap. I - A Formação da Língua Portuguesa

I.1 - O Latim Vulgar

I.2 - România Ocidental e România Oriental. as Línguas Românicas.

I.3 - A Ibéria Românica: Diferenças entre o Português, o Castelhana e o Galego.

I.4 - Características do Português Medieval. Os Primeiros Documentos da Língua

Portuguesa.

I.5 - O Português do Brasil

Cap. II - Fonologia Diacrônica

II.1.1 - A Formação do Sistema Vocálico

II.1.2 - A Formação do Sistema Consonântico

II.1.3 - Problemas da Sílabas

Cap. III - Morfologia Diacrônica

III.1 - Morfologia Nominal

III.2 - Morfologia Pronominal

III.3 - Morfologia dos Especificadores do SN

III.4 - Morfologia Verbal

III.5 - Morfologia das Classes Invariáveis

Cap. IV - Sintaxe Diacrônica

IV.1 - A Constituição da Estrutura Sintagmática da sentença:

- IV.1.1 - O Sintagma Nominal
- IV.1.2 - O Sintagma Verbal
- IV.1.3 - O Sintagma Adjetival
- IV.1.4 - O Sintagma Adverbial
- IV.1.5 - O Sintagma Preposicionado

IV.2 - A Constituição da Estrutura Funcional da Sentença:

IV.2.1 - O Verbo como Núcleo da Sentença. Ordem de figuração e Concordância com o Sujeito

- IV.2.2 - O Sujeito
- IV.2.3 - Os Complementos
- IV.2.4 - Os Adjuntos

IV.3 - A Constituição dos Processos de Relacionamento entre as Sentenças.

- IV.3.1 - A Coordenação
- IV.3.2 - A Subordinação
- IV.3.3 - A Justaposição

Cap. V - A Formação do Léxico Português

- V.1 - A Herança Latina, Vulgar e Culta
- V.2 - Os Empréstimos

Apêndice: Cronologia da Linguística Histórica do Português: Histórias da Língua Portuguesa, Dicionários Etimológicos, Fonologia, Morfologia e Sintaxe Diacrônicas do Português.

4. A Extensão

Sem dúvida que as responsabilidades sociais dos lingüistas não se esgotam na ministração de aulas e na condução da pesquisa. É necessário lutar para que os resultados das descobertas sejam socializados, através de iniciativas que as façam chegar ao ensino de primeiro e de segundo graus.

Produzi a este respeito alguns trabalhos individuais, a respeito da estrutura curricular dos Cursos de Letras (*A Reforma dos Cursos de Letras*, 1963a), sobre o ensino da redação (*Metodologia da Redação*, 1965b), e sobre *A Lingüística Aplicada ao ensino do Português* (1974).

No final dos anos 70, a Coordenadoria de Ensino e Normas Pedagógicas da Secretaria de Educação do Estado de São Paulo tinha publicado os "Guias Curriculares para o Ensino do Português". Mas os professores da rede não entendiam a proposta. Fazia-se necessário editar uma série de livrinhos, em linguagem não voltada para a academia, para esclarecer a coisa. Em 1978, reuni vários colegas, que escreveram capítulos editados na coletânea Subsídios à Proposta Curricular de Português para o segundo grau, em oito volumes, 1978a. Contribuí para essa coletânea com os textos *Os Sons, Problemas de Análise Gramatical*, 1978b, e *Para o Ensino da História da Língua Portuguesa* 1978c. Essa coletânea foi mal distribuída, e de todo modo apoiava-se na realização de cursos de reciclagem (melhor diria, de ciclagem), nem sempre efetivados.

Como resultado de um curso ministrado na FDE, escrevi *Teorias Lingüísticas e Ensino da Gramática*, 1994d.

Também escrevi uma série de artigos sobre o problema da norma culta: *Variação Dialetoal e Ensino Institucionalizado da Língua Portuguesa*, 1978g, *A Constituição da Norma Pedagógica Portuguesa*, 1980, *Norma culta de São Paulo: singularidade ou pluralidade ?*, 1982.

O avanço das pesquisas do Projeto NURC e do Projeto de Gramática fizeram-me refletir sobre a conveniência de inserir a observação da língua falada na reflexão gramatical em sala de aula. Derivaram daqui os textos *Português Falado e Ensino da Gramática*, 1990c, e o livro em andamento Português Falado e Ensino da Gramática.

Para sistematizar o fluxo de bons textos produzidos na Universidade, dirigi por algum tempo para a Editora Contexto a coleção "Repensando da Língua Portuguesa". Saíram ali, em livrinhos de 100 páginas, textos de José Luiz Fiorin (USP), Maria Alice de O. Faria (UNESP), Ingedore G.V.Koch (UNICAMP) e Luiz Carlos Travaglia (UFU), Edith Pimentel Pinto (USP), Claiz Passos e Maria Emiliana Passos (UFBA), Maria Helena Moura Neves (UNESP), Sônia Bastos Borba (UFBA), Antonio José Sandmann (UFPR), Ademar da Silva (UNICAMP), Margaret de Miranda Rosa (USP), Gladis Massini-Cagliari (UNICAMP) e Rosa Virginia Matos e Silva (UFBA).

5. A Vida Institucional

Ensinar, pesquisar e divulgar o conhecimento são por certo as tarefas que se esperam de um professor.

Mas de um Titular requer-se muito mais do que isso. Requer-se certa liderança no interior de sua instituição.

Olhando para trás, creio que não desperdicei as oportunidades que apareceram, nem deixei de tomar iniciativas quando e como me pareceram oportunas.

Este item está assim organizado: (1) criação de revistas científicas, (2) criação de sociedades científicas, (3) informação bibliográfica e documental, (4) cargos acadêmicos.

5.1 - Criação de revistas científicas

Mencionei anteriormente a fundação da revista Alfa, hoje Revista de Linguística da UNESP. Fui o primeiro Diretor dessa revista, cargo que exerci de 1962 a 1975, quando me transferi para a UNICAMP. Publiquei 19 números, entre eles duas Miscelâneas de Estudos, uma dedicada ao Prof. R.H. Aubreton, e outra ao Prof. T.H. Maurer Jr. Um grande programa de intercâmbio foi organizado, fazendo fluir para a Faculdade informações que de outro modo seria impossível conseguir. É um prazer constatar que essa revista nunca foi descontinuada, e está hoje em seu número 39. A Alfa integra, juntamente com a Revista de Letras da UFPr, e Letras, da mesma UNESP, o quadro das três revistas universitárias correntes mais antigas do país.

Na UNICAMP organizei, a pedido do Departamento de Linguística, o número 1 dos Cadernos de Estudos Linguísticos. Todos os demais números - e essa revista está em seu número 29 - se devem aos incansáveis esforços do Prof. João Wanderley Geraldi.

Em 1978, o Rodolfo Ilari foi eleito Presidente do GEL. Como Secretário da associação, ajudei-o na tarefa de criar os Estudos Lingüísticos [Anais dos Seminários do GEL], de que editamos os 2 primeiros números. Também essa publicação nunca descontinuou, tendo atingido o número 25, muitos deles com dois tomos.

A Alfa, os Cadernos de Estudos Lingüísticos e os Estudos Lingüísticos, ao lado de tantas outras publicações científicas, atestam a pujança da Lingüística paulista.

5.2 - Criação de sociedades científicas

A organização do I Seminário de Lingüística de Marília (1967) teve um desdobramento inesperado. Tinham-se reunido ali todos os lingüistas então atuantes no Brasil, os quais escassamente ultrapassavam o número de dez ! Esse encontro tinha sido tão estimulante, que fiquei me perguntando por que não torná-lo sistemático, através da criação de associações científicas. Apresentei no encerramento do seminário uma moção que, aprovada, recomendava a criação do que viria a ser a Associação Brasileira de Lingüística. Pedi ao Prof. Mattoso Câmara Jr. que assumisse a liderança do assunto. Agindo com extrema prudência, o conhecido lingüista brasileiro convocou uma reunião no ano seguinte, no Recife, para um debate mais amplo do tema. Designou-se ali a Comissão dos Estatutos, composta por ele mesmo, o Prof. Aryon Dall'Igna Rodrigues e eu. No ano seguinte, por ocasião do II Congresso Internacional da ALFAL e do Simpósio do PILEI, ambos realizados na USP, a Associação foi criada formalmente, sendo eleito seu primeiro Presidente o Prof. Aryon. Participei do respectivo Conselho de 1970 a 1979, e de 1983 a 1985 presidi a ABRALIN, o que me permitiu ter uma idéia mais abrangente dos estudos lingüísticos no país.

Mas dadas as dimensões continentais do país, era necessário ter também uma associação regional, concebida como um primeiro ponto de atuação dos pesquisadores. Expus a idéia ao Prof. Isaac Nicolau Salum, e assim foi fundado o Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo (GEL), de que fui o primeiro Presidente (1969-1971). Voltei à Diretoria, de 1978 a 1979, como Secretário, sendo Presidente o Prof. Rodolfo Ilari. O GEL nunca deixou de atuar, jamais reconduziu o mesmo Presidente ao cargo, suscitando lideranças por todo o

Estado. Sinto uma grande emoção quando presencio jovens pesquisadores apresentando os primeiros frutos de sua atividade científica nos Seminários do GEL. Ele tem sido o ponto de entrada desses jovens no mundo científico paulista, de onde muitos deles saíram para empreitadas mais exigentes.

Tão importante como criar sociedades científicas, é participar das já existentes, ajudando-as em sua atuação.

Como Delegado junto ao PILEI, organizei um de seus seminários, juntamente com o Instituto, na UNICAMP, em 1980. Publiquei as respectivas atas: Atas do V Instituto Interamericano de Lingüística, 1984.

E como Vogal da ALFAL, organizei seu IX Congresso, também em Campinas, em 1990. O evento contou com a presença de mais de mil participantes, tendo inovado ao incluir Grupos de Trabalho no formato desses congressos. Publiquei as Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL, 1993, 2 vols., estando no prelo os últimos três volumes.

5.3 - Informação bibliográfica e documental

Nas Ciências Humanas, nossos laboratórios são as bibliotecas e os centros de documentação.

Pude, na UNICAMP, organizar o Sistema de Bibliotecas e o Sistema de Arquivos.

5.3.1 - O Sistema de Bibliotecas

De volta de um pós-doutoramento nos Estados Unidos, o Reitor José Aristodemo Pinotti convidou-me a coordenar o Centro de Informação e Difusão Cultural da UNICAMP, órgão a que estava sujeita a política biblioteconômica da instituição. Mas essa política, se é que existia alguma, não tinha sido suficientemente debatida com a comunidade. Com a ajuda de Leila Mercadante, então Diretora da Biblioteca Central da UNESP, procedemos a um diagnóstico da situação, concluindo pela definição do Sistema de Bibliotecas, instalado em 1983. Como uma das decorrências, foi necessário sediar adequadamente a Biblioteca

Central, que então funcionava muito precariamente num galpão. Contratei o arquiteto Cláudio Mafra, especializado nesse tipo de edificações, e hoje a Biblioteca Central da UNICAMP serve à comunidade em condições bem mais favoráveis do que antes.

5.3.2 - O Sistema de Arquivos

Refletindo sobre a preservação da memória científica, tecnológica, artística e administrativa da Universidade, criei o Sistema de Arquivos da UNICAMP, voltado para a gestão sistêmica dos documentos por ela gerados. O antigo galpão da Biblioteca Central foi convenientemente reformado, e abriga hoje o Arquivo Central. Mais de meio milhão de documentos permanentes ali foram recolhidos, e mais um milhão e meio estão a caminho. Nessa atividade, contei com a ajuda de Neire do Rossio Martins, que hoje dirige o Arquivo Central. O artigo *Sistema de Arquivos*, 1990d retrata essa experiência. Para uma informação mais generalizada, preparei a coletânea de textos Sistematização de Arquivos Públicos, 1991, em que compendiei textos básicos para quem deseje replicar a experiência. No mesmo espírito, convoquei o I Seminário Nacional de Arquivos Universitários, difundindo a experiência acumulada na UNICAMP: v. Atas do I Seminário Nacional de Arquivos Universitários, 1992.

Parece-me adequado que as universidades disponham de seu Sistema de Arquivos. Mas acho que devem ser recolhidos, junto às unidades acadêmicas, os fundos documentais não gerados por ela, que tenham interesse para a pesquisa científica. Assim, a pedido do Prof. Carlos Franchi, então Diretor do IEL, tracei os planos de que resultou a criação do Centro de Documentação Lingüística e Literária Alexandre Eulálio. Dentro dessa mesma linha de atuação, organizei em 1993, na UNICAMP, um Seminário para a Informatização de Corpus da Língua Portuguesa, hoje ao encargo da Associação Brasileira de Lingüística. O seminário seguinte teve lugar na USP, em 1994. Os primeiros resultados dessa iniciativa estão em *Informatização de Acervos da Língua Portuguesa*, 1994e, escrito de parceria com Giselle Machline de Oliveira e Dante Lucchesi.

5.4 - Cargos Acadêmicos

Exerci tarefas administrativas no âmbito da Universidade e fora dela.

Fui Assistente do Diretor da FFCL de Marília de junho de 1962 a novembro de 1963, então dirigida pelo Prof. Eurípedes Simões de Paula, e de novo, entre fevereiro e julho de 1971. Chefeei o Dep. de Letras dessa Faculdade de 1961 a 1962, de 1966 a 1967, e de 1973 a 1974. Na UNICAMP, fui Coordenador da Graduação em 1977, e representei o Instituto de Estudos da Linguagem de 1978 a 1980 na Câmara Curricular. Na USP, fui membro da Comissão de Bibliotecas, membro da Congregação da FFLCH, e representante dos Professores Associados junto ao Departamento de Letras Vernáculas e Clássicas.

Fora da Universidade, criei o Conselho Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Marília, órgão que presidi de 1967 a 1968.

Eleito pela comunidade, representei-a como Presidente da Área de Letras e Lingüística junto à CAPES, de 1987 a 1990. Resultou daqui uma proposta de modificação do sistema de avaliação dos Cursos de Pós-Graduação no país, que foi discutida na ANPOLL e em algumas universidades: *Avaliação em Letras e Lingüística*, 1991d.

Terminado esse mandato, fui eleito para compor o Comitê de Assesores do CNPq, com mandato de 1991 a 1993.

Os Novos Desafios: a Universidade de São Paulo

A USP continua sendo uma Universidade muito atraente, tanto para alunos de graduação quanto para alunos de pós-graduação. Uma enorme responsabilidade cerca seus professores de Língua Portuguesa, por atuarem na maior cidade de língua portuguesa do mundo, e na universidade mais antiga do país. Levantou-se entre eles o compromisso de repensar a graduação e a pós-graduação, e de estreitar relações com os centros produtores de ciência.

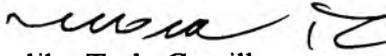
Num primeiro momento, somente "para esquentar o motor", propus a realização sistemática de dois seminários sobre Sintaxe Funcional e Lingüística

Histórica. A receptividade encontrada fez disparar meus velhos mecanismos de sonho, planejamento, e tenacidade. Menciono pelo menos um deles.

Há uma questão que cedo ou tarde deverá ser levantada entre nós: por que na USP a Lingüística e a Filologia e Língua Portuguesa continuam separadas, como nos velhos tempos das Cátedras ? Por que as lideranças das duas áreas não ensaiam um projeto científico, a partir do qual se testará a viabilidade de reunir os dois grupos num único departamento ?

Mas aqui já estou ultrapassando os limites de um Memorial...

São Paulo, outubro de 1996


Ataliba T. de Castilho

ATALIBA T. DE CASTILHO

Curriculum Vitae

I. Informações Gerais

Nasceu a 1 de abril de 1937 em Araçatuba SP, filho de Luiz Antonio de Castilho e de D. Edith Teixeira de Castilho. Documentos civis: RG 2.071.506 (SSP-SP), CIC 012.861.968-68. Certificado de Reservista de 3a. Categoria n. 557957. Título eleitoral expedido em Campinas, 173831801-83. Casado com D. Célia Maria Moraes de Castilho, três filhos: Cláudia e Célia (1965), casadas, e Rogério (1972). Endereço residencial: em São Paulo, Rua Fidalga 627, ap. 602, Vila Madalena, CEP 05432-070, Fone (011) 818-4936; em Campinas, Rua Antônio Francisco de Andrade 421, ap. 162, Jardim Proença, CEP 13026-140, Fone (019) 236-9726. Endereço profissional: Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da Universidade de São Paulo / Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas / Caixa Postal 8105 / 05508-900 São Paulo SP.

II. Formação Acadêmica

Bacharel e Licenciado em Letras Clássicas pela Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras da Universidade de São Paulo (1956-1959).

Curso de Especialização em Filologia Românica, Literatura Brasileira e Literatura Portuguesa pela mesma Universidade, em 1960.

Doutor em Letras pela mesma Universidade em 1966. Título da tese: "Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa". Orientador: Prof. Dr. Theodoro Henrique Maurer Jr.

Livre-Docente pela Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo, em 1993. Título da tese: "A Predicação Adverbial no Português Falado".

Pós-Doutoramento nas seguintes universidades: (1) University of Texas at Austin e Cornell University em Ithaca, Estados Unidos, como "Fulbright Visiting Scholar", em 1981. (2) Université d'Aix-Marseille, França, como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo, de janeiro a abril de 1990. (3) Linguistic Society of America '95 Institute, University of New México, Estados Unidos, de 25 de junho a 6 de agosto de 1995, como bolsista da Fundação de Amparo à Pesquisa do Estado de São Paulo.

Bolsa de Pesquisador IA do CNPq, desde 1989.

III. Docência

III.1 - Ensino Secundário

1959-1960 - Professor Contratado de Português no Ginásio Estadual "Prof. Francisco Roswell Freire" de São Miguel Paulista, São Paulo SP.

1960 - Professor Interino de Latim no Ginásio Estadual e Escola Normal de Suzano SP.

III.2 - Ensino Universitário

1961-1975 - Professor Titular de Língua Portuguesa na Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília SP.

1970 (março-junho) - "Visiting Professor" no Curso de Pós-Graduação do Departamento de Espanhol e Português da Universidade do Texas em Austin, Estados Unidos.

1972 (março-junho) - Professor Convidado no Curso de Pós-Graduação em Filologia e Língua Portuguesa da FFCL da Universidade de São Paulo.

1972 (julho) - Professor Convidado no Curso de Pós-Graduação em Linguística da Universidade Federal de Santa Catarina.

1975-1991 - Professor Titular de Linguística Portuguesa no Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas.

1983 (janeiro) - Professor Convidado no VIII Instituto Brasileiro de Linguística, realizado pela Associação Brasileira de Linguística na Universidade Federal de Pernambuco.

Cursos de Especialização e de Extensão ministrados: FFCL de Jaú SP (1966), FFCL do Crato CE (1968), FFCL de Botucatu SP (1970), FFCL de Bauru SP (1971), FFCL de Lorena SP (1971), Instituto Central de Letras da Universidade Federal da Paraíba em Campina Grande PB (1988), Universidade Católica de Minas Gerais, Belo Horizonte (1993-1996), Facultad de Humanidades y Ciencias de la Educación de la Universidad de la República, Montevideo, Uruguai (1995, 1996), Instituto de Letras da Universidade Federal da Bahia, Salvador (1996).

III.3 - Situação Atual

Desde setembro de 1991, após sua aposentadoria, Professor Convidado Titular no Departamento de Linguística da Universidade Estadual de Campinas.

De janeiro de 1992 a novembro de 1993, Professor Doutor de Filologia e Língua Portuguesa da Faculdade de Filosofia, Letras e Ciências Humanas da Universidade de São Paulo. A partir de dezembro de 1993, Professor Associado, na mesma instituição. Número funcional: 494453.

IV. Publicações ()*

IV.1 - Livros

1962a - (Org.) **Anais da Faculdade de Filosofia, Ciências e Letras de Marília**, vol. I (1959-1961). Marília, FFCL.

1965a - **A Nova Nomenclatura Gramatical Brasileira e suas Relações com a Terminologia Latina**, em parceria com Enzo Del Carratore. Marília, FFCL [Coleção Estudos n. 1].

1967a - **A Sintaxe do Verbo e os Tempos do Passado em Português**. Marília, FFCL [Coleção Estudos n. 12]. Resenhas: Ricardo Carballo Calero, Sobre Língua e Literatura Galega. Vigo, Galáxia, 1971, pp. 266-268. Manfred Sandmann, 1972, Romance Philology 26: 506-507, 1972.

1968a - **Introdução ao Estudo do Aspecto Verbal na Língua Portuguesa**. Marília, FFCL [Coleção Teses n.6]. Resenhas: Luiz Carlos Travaglia, 1981, O Aspecto Verbal no Português. Uberlândia, Un.Fed. de Uberlândia, pp. 24-26. Wolf Dietrich, 1983, El Aspecto Verbal en las Lenguas Románicas. Madrid, Gredos, pp. 140-143.

1970a - (Org.) **Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta de Algumas das Principais Capitais Brasileiras**. Marília, Conselho Municipal de Cultura.

1978a - (Org.) **Subsídios à Proposta Curricular de Língua Portuguesa para o 2. Grau.** São Paulo/Campinas, Secretaria de Estado da Educação/UNICAMP, 1978, 8 vols.; republicado em São Paulo, Secretaria de Estado da Educação, 1988, 3 vols.

1984a - (Org.) **Atas do V Instituto Interamericano de Linguística, Cadernos de Estudos Linguísticos** 6 [UNICAMP].

1986a - (Org., com Dino Preti) - **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo.** São Paulo, TAQ/FAPESP, vol. I, Elocuções Formais.

1986b - **Uma Proposta para o Ensino de Gramática no 1. e 2. Graus.** Campinas, Secretaria de Estado da Educação/UNICAMP, mimeo.

1987a - (Org., com Dino Preti) - **A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo.** São Paulo, TAQ/FAPESP, vol. II, Diálogos entre dois informantes.

1987b - (Org.) **A Ordem do Sujeito Nominal no Português Culto Falado em São Paulo.** Resultados de Grupo de Trabalho coordenado por Paola Bentivoglio, UNICAMP, ms. inédito.

1989a - (Org.) **Português Culto Falado no Brasil.** Campinas, Editora da UNICAMP.

1990a - (Org.) **Gramática do Português Falado.** Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. I, A Ordem; segunda edição, 1991. Resenhas: Giampaolo Salvi, Língua e Stile 26: 661-663, 1991; Madalena Colaço, Revista Internacional de Língua Portuguesa 5/6: 235-236, 1991.

1991a - (Org.) **Sistematização de Arquivos Públicos.** Campinas, Editora da UNICAMP.

1993a - (Org.) **Gramática do Português Falado.** Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. III, As Abordagens.

1993b - (Org.) **Atas do IX Congresso Internacional da ALFAL**, vols. I (Conferências), II (Grupos de Trabalho); no prelo: vols. III-V (Comunicações).

1996 - (Org., juntamente com Margarida Basilio) - **Gramática do Português Falado.** Campinas, Editora da UNICAMP/FAPESP, vol. IV.

IV.2 - Capítulos de livros. Prefácios

1973a - Prefácio ao livro de Dino Preti, Níveis Sociolingüísticos. São Paulo, Companhia Editora Nacional.

1978b - Os Sons / Problemas de Análise Gramatical, em Castilho (Org. 1978a), vol. 5, pp. 12-44.

1978c - Para o Ensino da História da Língua Portuguesa, em Castilho (Org. 1978a), vol. 6, pp. 92-123.

1981a - O Projeto NURC e a Sintaxe do Verbo, Estudos de Filologia e Linguística. Homenagem a Isaac Nicolau Salum. São Paulo, TAQ/EDUSP, pp. 269-288.

1987c - Prefácio ao livro de Rodolfo Ilari - Perspectiva Funcional da Sentença. Campinas Editora da UNICAMP, 2a. ed., 1992.

- 1989b - Prefácio ao livro de Fernando Tarallo (Org.) - Fotografias Sociolinguísticas. Campinas, Pontes.
- 1989c - O Português do Brasil, cap. do livro de Rodolfo Ilari - Linguística Românica. São Paulo, Ática, 1992, pp. 237-269.
- 1989d - Para o Estudo das Unidades Discursivas do Português Falado, em Castilho (Org. 1989a), pp. 249-280 [republicação com alterações do texto de 1987a].
- 1990b - O Português Culto Falado no Brasil: História do Projeto NURC/Brasil, em Dino Preti e Hudinilson Urbano (Orgs.) - A Linguagem Falada Culta na Cidade de São Paulo, vol. IV, Estudos. São Paulo, TAQ/FAPESP, pp. 141-202.
- 1992a - Advérbios Modalizadores, em parceria com Célia Maria Moraes de Castilho, em Rodolfo Ilari (Org.) - Gramática do Português Falado, vol. II. Campinas, Editora da UNICAMP, 1992, pp. 213-260.
- 1993c - Os Mostrativos no Português Falado, em Ataliba T. de Castilho (Org.) - Gramática do Português Falado, vol. III. Campinas, Editora da UNICAMP, pp. 119-148.
- 1993d - Apresentação, em Ian Roberts e Mary A. Kato - O Português Brasileiro. Homenagem a Fernando Tarallo. Campinas, Editora da UNICAMP.
- 1994b - Prefácio, em Rosa Virgínia Mattos e Silva (Org.) Fotografias Sociolinguísticas, vol. II. Campinas, Editora da UNICAMP, no prelo.
- 1994c - Prefácio, em Cristina Altman - Historiografia da Linguística Brasileira, no prelo.
- 1995a - A Língua Falada e sua Descrição, em Para Segismundo Spina: Língua, Filologia, Literatura. São Paulo, Editora da Universidade de São Paulo/Illuminuras, pp. 69-90 (para outra versão, v. 1994a).
- 1995b - Para uma Gramática do Português Falado, em Miscelânea de Estudos Linguísticos, Filológicos e Literários. In Memoriam Celso Cunha. Rio de Janeiro, Nova Fronteira, pp. 79-102 (reelaboração de 1989f).

IV.3 - Artigos em Revistas Especializadas / Atas de Congressos

- 1962b - A Língua Portuguesa no Brasil, Alfa 1: 9-24.
- 1962c - Estudos Linguísticos no Brasil, Alfa 2: 135-143.
- 1963a - A Reforma dos Cursos de Letras, Alfa 3: 5-44.
- 1963b - Estruturalismo, História e Aspecto Verbal, Alfa 4: 138-166.
- 1964a - A Poesia de Carlos Drummond de Andrade, Alfa 5/6: 9-40.
- 1965b - Metodologia da Redação, Didática 2: 35-48.
- 1965c - Recursos da Linguagem Impressionista em Raul Brandão, Alfa 7/8: 19-38.
- 1965d - A Cadeira de Linguística no Curso de Letras, Alfa 7/8: 155-161.

- 1967b - A Onomasiologia no Léxico e na Sintaxe, de parceria com Enzo Del Carratore, Alfa 11: 129-150.
- 1969a - Projeto de Descrição do Português Culto na Área Paulista, Letras de Hoje 4: 73-78.
- 1969b - A Descrição do Português Culto, Sup.Lit. de O ESP. 23.3.1969, reproduzido em Letras de Hoje 3: 117-123.
- 1970b - Sur l'aspect verbal en portugais, Revue roumaine de linguistique 15: 247-249.
- 1972a - Rumos da Dialectologia Portuguesa, Alfa 18/19: 115-153, 1972/1973. [Miscelânea de Estudos Dedicados a T.H.Maurer Jr.].
- 1973b - Pós-Graduação e Planejamento da Pesquisa Lingüística, Alfa 18/19, 497-515, 1972/1973.
- 1973c - O Estudo da Norma Culta do Português do Brasil, Vozes 67/8: 21-25.
- 1974 - A Lingüística Aplicada ao Ensino do Português, Didática 9/10: 5-14.
- 1978d - Análise Preliminar dos Demonstrativos, Estudos Linguísticos 1: 30-35 [Anais dos Seminários do GEL].
- 1978e - A Norma Urbana Culta da Cidade de São Paulo: problemas de transcrição", Estudos Linguísticos 2: 3-10.
- 1978f - A Dimensão Textual do Verbo, Estudos Linguísticos 2: 125-140.
- 1978g - Variação Dialectal e Ensino Institucionalizado da Língua Portuguesa, Cadernos de Estudos Linguísticos 1: 18-25; republicado com alterações em Castilho (Org. 1978a), vol. 4: 32-43.
- 1980 - A Constituição da Norma Pedagógica Portuguesa, Revista do Instituto de Estudos Brasileiros 22: 9-18.
- 1981b - A Lingüística Portuguesa no Brasil nos anos 70, Actas del VI Congreso Internacional de la Asociación de Lingüística y Filología de América Latina (Phoenix, Estados Unidos, 1981). México, UNAM, 1988, pp. 27-60.
- 1982 - Norma culta de São Paulo: singularidade ou pluralidade?, Boletim da ABRALIN 3: 18-31.
- 1983a - O Papel da Lingüística na Identificação do Padrão Lingüístico, Boletim da ABRALIN 4: 60-66.
- 1983b - Variedades Conversacionais, Boletim da ABRALIN 5: 40-53.
- 1984b - El Proyecto de Estudio Coordinado de la Norma Culta. Formalismo y semanticismo en la sintaxis verbal, em Donald F. Solá (Ed.) - Language in the Americas. Proceedings in the Ninth PILEI Symposium. Ithaca, Cornell University, pp. 161-165 [republicação parcial de 1981a, com alterações].
- 1984c - Ainda o Aspecto Verbal, Estudos Portugueses e Africanos 4: 9-36.
- 1984d - Quinze anos de Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, Estudos Linguísticos 9: 10-20.

1984e - O Presente do Indicativo na Oração e no Texto, Actas del VII Congreso Internacional de ALFAL (Santo Domingo, Rep. Dominicana, 1984). Santo Domingo, Univesidad Nacional Pedro Henriquez Ureña, 1987, vol. I, pp. 389-404.

1985 - O Artigo no Português Culto de São Paulo, em Castilho (Org. 1989a), pp. 67-88.

1987d - Para o Estudo das Unidades Discursivas do Português Falado, Actas del VIII Congreso Internacional de ALFAL (San Miguel de Tucumán, Argentina, 1987), no prelo.

1987e - A Elipse do Sujeito no Português Culto Falado em São Paulo, Estudos Lingüísticos 14: 32-40.

1988 - O Linguísta Theodoro Henrique Maurer Jr., Boletim da ABRALIN 10:53-63, 1991.

1989e - Da Análise da Conversação para a Análise Gramatical, Estudos Lingüísticos 17: 219-226.

1989f - Para uma Gramática do Português Falado, Revista Internacional de Língua Portuguesa 1: 37-48.

1989g - O Papel do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, de 1969 a 1971", Estudos Lingüísticos 18: 14-20.

1989h - Processos de Atenuação na Fala Culta, Anais do I Congresso Internacional da Faculdade de Letras da UFRJ. Discurso e Ideologia. Rio de Janeiro, UFRJ/FJB, pp. 258-261.

1990c - Português Falado e Ensino da Gramática, Letras de Hoje 25/1, 103-136.

1990d - Sistema de Arquivos, Boletim do Centro de Memória da UNICAMP 3: 7-11.

1991b - Advérbios Modalizadores: um novo núcleo predicador?, em parceria com Mary Kato, como autora principal, DELTA 7/1: 409-423.

1991c - Avanços na pesquisa sociolingüística: o estudo da língua falada, Boletim da ABRALIN 12: 19-24.

1991d - Avaliação em Letras e Lingüística, Boletim da ANPOLL 15: 14-18.

1991e - Projeto de Gramática do Português Falado, Revista Internacional de Língua Portuguesa 5/6: 169-179.

1992c - Paulo Duarte e o problema da Língua Brasileira, em parceria com Silvana Godoi, em Atas do I Seminário Nacional de Arquivos Universitários. Campinas, Coordenadoria do Sistema de Arquivos da Universidade Estadual de Campinas, 1992, pp. 151-160.

1993d - Adjetivos Predicativos, em parceria com Célia M. Moraes de Castilho, Letras 5: 122-143.

1994a - Problemas de Descrição da Língua Falada, DELTA 10 (1): 47-71.

1994b - Para a História da Associação Brasileira de Lingüística, em parceria com Maria Cristina F.S. Altman, Boletim da ABRALIN 16: 21-37.

1994c - Um ponto de vista funcional sobre a predicação, Alfa 38: 75-96.

1994d - Teorias Linguísticas e Ensino da Gramática, Diário de Classe 3. Língua Portuguesa. São Paulo, Fundação para o Desenvolvimento da Educação, pp. 17-28.

1994e - Informatização de acervos da Língua Portuguesa, em parceria com Giselle Machline de O. e Silva e Dante Lucchesi, Boletim da ABRALIN 17: 143-154.

1995c - Conversação e Gramática, ms. inédito.

1995d - A Gramaticalização, a publicar em Estudos Linguísticos e Literários [UFBA].

1995e - A Gramática do Português Culto Falado no Brasil. Aspectos Teóricos, em Actas do XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Linguística. Lisboa, no prelo.

1995f - GEL, Novos Caminhos, em parceria com Dino Preti, Mercedes S. Risso e Maria Bernadete M. Abaurre, Estudos Linguísticos 24: 19-35 [Anais do GEL].

1996a - Gramática do Português Falado, Atas do I Congresso Internacional da Associação Brasileira de Linguística. Salvador, ABRALIN-FINEP-UFBA, pp. 417-420.

1996b - A Gramaticalização, a publicar em Estudos Linguísticos e Literários [UFBA]

1996c - Língua Falada e Gramaticalização, a publicar em Filologia e Linguística Portuguesa [USP].

IV.4 - Verbetes em Dicionários Especializados

1967c - A Linguística no Brasil / A Língua Portuguesa no Brasil / Carlos de Laet, em Massaud Moisés e José Paulo Paes (Orgs.) - Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira. São Paulo,

1979 - A Linguística no Brasil / A Língua Portuguesa no Brasil [nova redação], em Massaud Moisés e José Paulo Paes - Pequeno Dicionário de Literatura Brasileira. 2a. ed. São Paulo, Cultrix.

1993e - Portuguese, em The Encyclopedia of Language and Linguistics. Edinburgh, Pergamon Press.

IV.5 - Resenhas Bibliográficas. Artigos de divulgação

1961 - A Romanização da América [artigo-resenha do livro de Joaquim Ribeiro "História da Romanização da América"], Anhembi 45/133: 136-140.

1962d - Silvio Elia - "O Problema da Língua Brasileira" Alfa 1: 116-119.

1962e - A Estilística [artigo-resenha do livro de Julio Garcia Morejón "Los Límites de la Estilística"], Alfa 1: 105-108.

1962f - Anais do Congresso Brasileiro de Língua Vernácula Alfa 2: 156-165.

1962g - João Ribeiro - "Crítica, vol. V (Filólogos)" Alfa 2: 153-156.

1962h - João de Barros - "Diálogo em Louvor de nossa Linguagem", ed. crit. de Luciana Stegagno Picchio, Supl.Lit. de OESP. 3.3.1962.

- 1963c - Theodoro Henrique Maurer Jr. - "O Problema do Latim Vulgar", Alfa 3: 145-154.
- 1963d - A propósito do Atlas Lingüístico da Península Ibérica [artigo-resenha sobre o ALPI], Alfa 3: 105-114.
- 1963e - Pierre Guiraud - "La Grammaire", Alfa 4: 207-211.
- 1963f - José Aderaldo Castello - "Textos que interessam à História do Romantismo", Supl.Lit. de OESP, 5.5.1963.
- 1964b - Kurt Baldinger - "La Formación de los Dominios Lingüísticos en la Peninsula Ibérica", Alfa 5/6: 147-154.
- 1965e - Maria Clara R.T. Constantino - "A Espiritualidade Germânica do P. Manuel Bernardes", Supl.Lit. de OESP, 6.2.1965.
- 1965f - Ivan Lind - "De Portugal ao Brasil", Supl.Lit. de de OESP, 9.10.1965.
- 1966a - Nélson Custódio de Oliveira - "Português ao Alcance de Todos", Didática 3: 143-147.
- 1966b - Nelson Rossi (ed.) - "Livro das Aves", Supl. Lit. de OESP, 15.1.1966.
- 1966c - Kurt Baldinger - "La Semasiologia", Supl.Lit. de OESP, 12.2.1966.
- 1966d - Diversos - "Les Anciens textes romans non littéraires", Supl.Lit. de OESP, 26.2.1966.
- 1966e - Celso F. da Cunha - "Uma Política do Idioma", Sup. Lit. de OESP, 26.2.1966.
- 1966f - José G. Herculano de Carvalho - "Estudos Lingüísticos, vol. I", Supl.Lit. de OESP, 12.3.1966.
- 1966g - Maurice Leroy - "Les grandes courantes de la Linguistique", Supl. Lit. de OESP, 26.3.1966.
- 1966h - Jacques Pohl - "Forme et pensée", Supl. Lit. de OESP, 13.8.1966.
- 1966j - Manuel de Paiva Boléo - "Algumas Tendências e Perspectivas da Linguística Moderna", Supl. Lit. de OESP, 3.9.1966.
- 1966j - Rudolf Hallig et Walther von Wartburg - "Système raisonné des concepts pour servir de base à la Lexicographie", Supl. Lit. de OESP, 10.9.1966.
- 1966l - "V Colóquio Internacional de Estudos Luso-Brasileiros, vol. III", Supl.Lit. de OESP, 5.11.1966.
- 1967d - Conclusões do I Simpósio sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, Sup. Lit. de OESP, 10.6.1967.
- 1967e - Luiz Carlos Lessa - "O Modernismo Brasileiro e a Língua Portuguesa", Sup. Lit. de OESP, 28.1.1967.
- 1967f - Charles Guiraud - "Les verbes signifiant voir en Latin", Sup. Lit. de OESP, 18.2.1967.
- 1967g - José Antonio Tobias - "Lógica e Gramática", Sup. Lit. de OESP, 4.3.1967, reproduzida na Revista Brasileira de Filosofia 17: 213-215.

- 1967h - Nomenclatura Gramatical Portuguesa, Sup.Lit. de OESP, 24.6.1967.
- 29.7.1967. 1967i - Joseph Szertics - "Tiempo y Verbo en el Romancero Viejo", Sup. Lit. de OESP.
- 1967j - Joseph Herman - "Le Latin vulgaire", Sup.Lit. de OESP, 26.8.1967.
- 30.9.1967. 1967l - Francisco da Silva Borba - "Introdução aos Estudos Lingüísticos", Sup. Lit. de OESP.
- 13.1.1968. 1968b - "Estudos Filológicos. Miscelânea Serafim da Silva Neto", Sup. Lit. de OESP.
- 1968c - Fernando Moura - "Vocabulaire fondamental du Portugais pour étranger", Sup. Lit. de OESP, 27.1.1968.
- 1968d - Henry Hoge - "A Selective Bibliography of Luso-Brazilian Linguistics", Sup. Lit. de OESP, 23.3.1968.
- 18.5.1968. 1968e - José G. Herculano de Carvalho - "Teoria da Linguagem, vol. I", Sup. Lit. de OESP.
- 1968f - "El Simposio de Bloomington", Sup. Lit. de OESP, 27.7.1968.
- 1968g - Gaetano Righi - "Historia de la Filología Clásica", Sup. Lit. de OESP, 19.10.1968.
- 1968h - A. Llorente de Maldonado - "Teoría de la Lengua e Historia de la Lingüística", Sup. Lit. de OESP, 7.12.1968.
- 1968i - N.E. Donni de Mirande - "La Lengua Coloquial y la Lengua de la Literatura Argentina", Sup.Lit. de OESP, 21.12.1968.
- 1969b - H.G.Schogt - "Le système verbal du français" Sup.Lit. de OESP, 6.8.1969.
- 20.9.1969. 1969c - A.L.Francis Askins (Ed.) - "Cancioneiro de Corte e de Magnates", Sup. Lit. de OESP.
- 1970c - F.R.Palmer - "A Linguistic Study of the English Verb", Sup. Lit. de OESP, 10.1.1970.
- 14.3.1970. 1970d - Xesús F. Couselo (Ed.) - "A Vida e a Fala dos Devanceiros", Sup. Lit. de OESP.
- 1970e - Juan M. Lope Blanch - "La Filología Hispánica en México", Alfa 16: 350-352.
- 19.9.1971. 1971a - A Lingüística na América Latina e no Brasil, Sup. Lit. de OESP, 29.8.1971, 5.9.1971.
- 14.2.1971. 1971b - Jorge Morais Barbosa - "A Língua Portuguesa no Mundo", Sup. Lit. de OESP.
- 1971c - "A Handbook for Teachers of Spanish and Portuguese", Sup. Lit. de OESP, 28.2.1971.
- 1971d - "Projeto de Estudo da Norma Lingüística Culta de Algumas das Principais Capitais do Brasil" Sup. Lit. de OESP, 14.3.1971.

1986c - Hildo Honório do Couto - "O que é o Português do Brasil", Folha de São Paulo, 29.6.1986.

(*) A data de entrada corresponde à da redação do documento, e por isso pode não coincidir com a de sua publicação, caso em que ela virá mencionada no final da entrada.

V. Orientação de Pesquisa e Divulgação Científica

V.1 - Projetos Coletivos de Pesquisa

1. "Projeto de Estudo da Norma Urbana Lingüística Culta da Cidade de São Paulo" [Projeto NURC]: coordenou a execução desse projeto em São Paulo juntamente com Isaac Nicolau Salum (1969-1980) e Dino Preti (desde 1981), tendo-se constituído entre 1970 e 1977 um corpus de 340 horas (hoje depositado na USP e no CEDAE/IEL/UNICAMP). Adaptou para o português os itens "Nexos" e "Verbo" do respectivo Guia-Questionário. Orientou diversas pesquisas sobre a sintaxe e a semântica do verbo, relatadas em Castilho (1990b). Participou das seguintes "Reuniões Nacionais dos Responsáveis pela Execução do Projeto NURC no Brasil": I (Porto Alegre, 1969), II (Capivari, 1970), III (Recife, 1970), IV (Rio de Janeiro, 1971), V (Salvador, 1972), VI (Porto Alegre, 1973), VII (São Paulo, 1974), VIII (Recife, 1974), IX (Rio de Janeiro, 1975), X (Rio de Janeiro, 1977), XII (Rio de Janeiro, 1984), XIII (Campinas, 1985), XIV (Porto Alegre, 1987) e XV (São Paulo, 1989). Para um histórico do Projeto NURC, v. Castilho 1990b.

2. "Projeto de Gramática do Português Falado" [PGPF]: coordena desde 1988 esse projeto, que tem por objetivo a redação coletiva de uma gramática referencial do português culto falado no Brasil, com base nos materiais do Projeto NURC/Brasil. O Projeto reúne 35 pesquisadores qualificados, ligados a 12 universidades brasileiras, distribuídos por cinco Grupos de Trabalho (Fonética e Fonologia, Morfologia, Sintaxe I, Sintaxe II e Organização Textual-Interativa), com financiamento pela FAPESP. Tem atuado como pesquisador do GT de Sintaxe I e organizou os seguintes seminários plenos: I, Águas de São Pedro, 1988; II, Águas de Lindóia, 1988; III, Águas de Lindóia, 1989; IV, Belo Horizonte, 1990; V, Itatiaia, 1991; VI, Campos do Jordão, 1992; VII, Campos do Jordão, 1993; VIII, Campos do Jordão, 1994; IX, Campos do Jordão, 1995. Para uma caracterização do projeto, v. "Apresentação", em Castilho (Org. 1990a).

3. "Projeto de História do Português de São Paulo"[PHSP]: iniciado em 1995, com sede na Área de Filologia e Língua Portuguesa da USP, esse projeto tem por objetivo historiar o Português da Cidade de São Paulo, em comparação com o Português implantado em outras capitais brasileiras. O trabalho terá as seguintes fases: (1) Organização de um acervo documental, (2) História Social do Português de São Paulo, (3) Sintaxe Diacrônica do Português de São Paulo. A partir do segundo semestre de 1995, alunos pós-graduandos e graduandos da Universidade de São Paulo deram início à primeira fase do PHSP, com financiamento concedido pela FAPESP.

V.2 - Teses de Doutorado

Mario Bernalles Lillo, "Toponímia Pré-Hispânica e Hispânica no Chile", UNICAMP, 1995. Vandersi Santana, "A Repetição no Português Falado", UNICAMP, em andamento. Nellyse Omena, "A Indeterminação em Português", UNICAMP, em andamento. Gilvan Muller de Oliveira, "História Social do Português de Santa Catarina", UNICAMP, em andamento. Mirta Groppi, "Os Clíticos no Espanhol Rioplatense", USP, em andamento. Tânia Lobo, "História do Português de Salvador", USP, em andamento. Luiz Roberto Peel Furtado de Oliveira, "Fontes Clássicas da Gramática Funcional", USP, em andamento. Maria Helena da Nóbrega, "Língua Escrita jornalística e Língua Falada: o problema dos advérbios", USP, em andamento. Miguel Sales, "Problemas de História do Português de São Paulo", USP, em andamento.

V.3 - Dissertações de Mestrado

Alba Maria Cavalcante Bezerra, "A Forma Verbal em -ria no Português Culto de São Paulo", UMC, 1980, publicada em Cadernos de Estudos Linguísticos 24: 1993, 179-230; Nilza Aparecida Barbosa, "O Subjuntivo no Português Culto de São Paulo", UMC, 1980; Wânia Milanez, "Recursos da Indeterminação do Sujeito", UNICAMP, 1982, juntamente com Charlotte Galves; Maria Isaura Baleeiro, "O Futuro do Presente no Português Culto de São Paulo", UNICAMP, 1989; Sílvia Pavani, "Os Pronomes Demonstrativos no Português Culto de São Paulo", UNICAMP, 1987; Célia Maria Moraes de Castilho, "Os Delimitadores no Português Falado", UNICAMP, 1991; Marta Maria Lazarin, "O Sintagma Nominal e a Coesão Textual", UNICAMP, em andamento; Rosa Maria Aparecida Nechi Verceze, "Língua Falada, Língua Escrita e Ensino do Português", USP, em andamento; Marcelo Módolo, "Um Corpus para a Diacronia do Português de São Paulo", USP, em andamento.

V.4 - Aperfeiçoamento e Iniciação Científica

Egon de Oliveira Rangel, "O Infinitivo no Português Culto de São Paulo", Estudos Linguísticos 2: 152-164, 1978 e Cadernos de Estudos Linguísticos 6: 189-210, 1984; Márcia Rebechi, "O Gerúndio no Português Culto de São Paulo", Estudos Linguísticos 3: 234-256, 1980; Wilma A. Silva e Luiza Faccio, "O Pronome Pessoal no Português Culto de São Paulo", Estudos Linguísticos 4: 198-221, 1981; Ronald B. Mendes, "Quantificação e Aspecto Verbal: o caso da perífrase *estar + -ndo*", Estudos Linguísticos 24: 471-476, 1995.

V.5 - Divulgação Científica

Coordenou de 1989 a 1993 a coleção "Repensando a Língua Portuguesa", publicada pela Editora Contexto, com o objetivo de veicular entre alunos de Letras e professores de Português de 1. e 2. graus os resultados de pesquisas efetuadas nas universidades brasileiras, que tenham aplicação ao ensino. Foram editados nessa coleção textos de José Luiz Fiorin (USP), Maria Alice de Oliveira Faria (UNESP/Assis), Ingedore V. Koch (UNICAMP), Rosa V. Mattos e Silva (UFBA), Claiz Passos e Maria Emiliania Passos (UFBA), Ingedore V. Koch e Luiz Carlos Travaglia (este da UFU), Edith Pimentel Pinto (USP), Maria Helena Moura Neves (UNESP/Araraquara), Sônia Bastos Borba Costa (UFBA), Antônio José Sandmann (UFPR), Ademar da Silva (UNICAMP), Margaret de Miranda Rosa (USP) e Gladis Massini-Cagliari (UNICAMP).

VI. Conferências

1962 - "A Língua Portuguesa no Brasil", Aula Inaugural na FFCL de Marília SP.

1970 - "Os Estudos Estilísticos e sua Natureza", FFCL de Bauru SP.

1971 - "A Norma Linguística Culta", FFCL de Campina Grande PB.

1978 - "O Autoritarismo na Universidade Pública Paulista", discurso de paraninfo na FFCL de Marília SP.

1980 - "A Constituição da Norma Pedagógica Portuguesa", VIII Curso de Férias no Instituto de Estudos Brasileiros da USP, São Paulo.

1981 - "A Linguística Portuguesa no Brasil nos Anos Setenta", VI Congresso Internacional da ALFAL, Phoenix, Estados Unidos.

1984 - "Quinze Anos do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo", XXVII Seminário do GEL, Assis SP.

1986 - "Aprendizagem da Língua Materna: o contexto social", UFOP, Mariana MG.

1987 - "A Ordem do Sujeito Nominal no Português Culto Falado em São Paulo", II Encontro Nacional da ANPOLL, Rio de Janeiro RJ.

1988 - "O Lingüista Theodoro Henrique Maurer Jr.", ABRALIN/40a. Reunião Anual da SBPC, São Paulo SP.

1988 - "Tópicos de Gramática do Português Falado", UFPB, Campina Grande PB.

1988 - "Para uma Gramática do Português Falado", Primeiro Encontro da Associação das Universidades de Língua Portuguesa, Lisboa, Portugal.

1988 - "L'État actuel des études du portugais parlé au Brésil", Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe, Université d'Aix-Marseille I, Aix-en-Provence, França.

1989 - "Língua Falada e Ensino de Gramática", PUC-RS, Porto Alegre RS.

1990 - "Sur les adverbos de modalisation dans le portugais parlé au Brésil", Groupe Aixois de Recherches en Syntaxe, Université d'Aix-Marseille I, Aix-en-Provence, França.

1990 - "Algumas Marcas Formais da Língua Falada", UFGO, Goiânia GO.

1991 - "Características Gramaticais do Português Falado", UNESP, São José do Rio Preto SP.

1992 - "O Ensino da Língua Materna", XV Semana de Letras da Universidade Federal de Santa Maria RS.

1993 - "Adverbial and Adjectival Predication in the Spoken Brazilian Portuguese", Workshop on Functional Linguistics, University of California at Santa Barbara, Estados Unidos.

1993 - "The Grammar of the Spoken Brazilian Portuguese: a survey", XVI Symposium on Portuguese Traditions, University of California at Los Angeles, Estados Unidos.

1994 - "Língua Falada e Reflexões sobre a gramática", Faculdade de Educação da Universidade Federal de Minas Gerais.

1994 - "Para uma Gramática da Repetição na Língua Falada", conferência de abertura do IX Encontro Nacional da ANPOLL, Caxambu.

1995 - "Informatização de Acervos da Língua Portuguesa", II Encontro Nacional de Acervos Literários Brasileiros Brasileiros, Porto Alegre.

1995 - "Aspectos Teóricos da Gramática do Português Falado", XI Encontro da Associação Portuguesa de Lingüística, Lisboa, 2 a 4 de outubro.

1995 - "O Brasil na América Latina: o papel dos lingüistas", I Encontro do Círculo de Estudos Lingüísticos do Sul", Florianópolis, 13 de novembro.

1995 - "Língua Falada e Gramaticalização: o caso de *mas*", II Encontro sobre Língua Falada e Escrita", Maceió, 20 de novembro.

VII. Participação em Congressos

VII.1 - No Exterior

1967 - I Simpósio Luso-Brasileiro sobre a Língua Portuguesa Contemporânea, Universidade de Coimbra, Portugal.

1971 - III Congresso da ALFAL e VI Simpósio do PILEI, San Juan de Puerto Rico, Estados Unidos.

1975 - IV Congresso da ALFAL e VII Simpósio do PILEI, Universidad Nacional Mayor de San Marcos, Lima, Peru.

1978 - Colóquio Internacional sobre a Noção de Aspecto, Metz, França.

1981 - X Simpósio do PILEI, Cornell University, Ithaca, Estados Unidos.

1981 - VI Congresso Internacional da ALFAL, State University of Arizona, Phoenix, Estados Unidos.

1983 - Summer Institute in American Studies for Latin American Educators, University of North Carolina, Chapel Hill, Estados Unidos.

1984 - VII Congresso Internacional da ALFAL, Universidad Nacional Autónoma de Santo Domingo, República Dominicana.

1987 - VIII Congresso Internacional da ALFAL, Universidad Nacional de Tucumán, Argentina.

1988 - Primeiro Encontro da Associação de Universidades de Língua Portuguesa, Lisboa, Portugal.

1993 - X Congresso Internacional da ALFAL, Universidad Cristóbal Colón, Vera Cruz, México, dirigiu Grupo de Trabalho.

1993 - XVI Symposium on Portuguese Traditions, University of California, Los Angeles.

1993 - Seminário sobre Estudos de Gramática do Português Oral e Escrito, Centro de Lingüística da Universidade de Lisboa, Portugal.

1995 - Instituto de Lingüística da "Linguistic Society of America", Albuquerque NM, Estados Unidos.

1995 - XI Encontro Nacional da Associação Portuguesa de Lingüística, Lisboa, Portugal.

1996 - XI Congresso Internacional da ALFAL, Universidad de Las Palmas de Gran Canaria, Las Palmas, Espanha, dirigiu Grupo de Trabalho.

VII.2 - No país

Freqüenta com regularidade os Seminários do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo, desde 1969, as atividades da Associação Brasileira de Lingüística, realizados no contexto das Reuniões Anuais da SBPC, desde 1982, e os Encontros Nacionais da ANPOLL, desde 1987, nos quais pronunciou conferências, dirigiu mesas-redondas e leu comunicações científicas, listadas em IV A. Outros congressos e seminários no país:

1961 - III Semana da FFCL de Marília, Marília SP.

1963 - V Semana da FFCL de Marília, Marília SP.

1965 - III Encontro de Mestres da Alta Paulista, FFCL de Marília SP.

1966 - II Seminário Brasileiro de Orientação Lingüística para Professores, PUC-SP, São Paulo SP.

1966 - I Seminário de Lingüística de Marília, FFCL de Marília SP, no qual propôs a fundação da Associação Brasileira de Lingüística.

1967 - I Encontro Regional de Professores de Português, FFCL de São José do Rio Preto SP.

1968 - IV Seminário Brasileiro de Orientação Lingüística para Professores, UFPE, Recife Pe, no qual foi designado membro da Comissão de Organização da Associação Brasileira de Lingüística, juntamente com Joaquim Mattoso Câmara Jr. e Aryon D. Rodrigues.

1969 - II Congresso Internacional da ALFAL e V Simpósio do PILEI, Universidade de São Paulo, São Paulo SP, durante os quais participou da Primeira Assembléia da ABRALIN, e de reunião de que resultou a criação do Grupo de Estudos Lingüísticos do Estado de São Paulo.

1971 - XIII Semana da FFCL de Marília [Seminário sobre Pós-Graduação em Letras], Marília SP.

1972 - VI Seminário Brasileiro de Lingüística, Brasília DF.

1976 - II Encontro Sul-Mineiro de Professores de Português, Santa Rita do Sapucaí MG.

1977 - XV Congresso Internacional de Lingüística e Filologia Românica, UFRJ, Rio de Janeiro RJ.

1980 - V Instituto Interamericano de Lingüística do PILEI e VII Instituto Brasileiro de Lingüística da ABRALIN, UNICAMP, Campinas SP, sob sua coordenação.

1980 - II Congresso Nacional de Sócio e Etnolingüística, UFF, Niterói RJ.

1987 - I Congresso Internacional da Faculdade de Letras da Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro RJ.

1989 - V Seminário Integrado de Ensino de Línguas e Literatura, PUC-RS, Porto Alegre RS.

1989 - I Seminário do Curso de Mestrado em Letras da Universidade Federal de Alagoas, Maceió AL.

1992 - II Seminário de Estudos Lingüísticos da Universidade Federal de Mato Grosso do Sul, Dourados, MS.

1994 - XLII Seminário do GEL, São Paulo, dirigiu mesa-redonda sobre "O Impacto do GEL na Lingüística no Estado de São Paulo".

1994 - I Congresso Internacional da ABRALIN, Salvador, dirigiu mesa-redonda sobre "A gramática do português falado".

1995 - XLIII Seminário do GEL, Ribeirão Preto, dirigiu Grupo de Trabalho sobre "Tópicos de Sintaxe Diacrônica do Português".

1996 - XLIV Seminário do GEL, Taubaté, dirigiu Grupo de Trabalho sobre "Projeto de História do Português de São Paulo".

VIII. Participação em Bancas

VIII.1 - Provisão de cargo de Professor Titular

Manuel Assis Dias (Linguística Românica), UNESP/Assis, 1982; Eunice Pontes (Linguística), UFMG, 1984; Celso Pedro Luft (Lingua Portuguesa) UFRS, 1984; Carlos A. Vogt (Semântica), UNICAMP, 1986; Cláudia Lemos (Psicolinguística), UNICAMP, 1986; Antônio José Sandmann (Lingua Portuguesa e Linguística), UFPR, 1988; Ingedore Koch (Lingua Portuguesa), PUC/SP, 1988; Telmo Arraes (Lingua Portuguesa), UNESP/Araraquara, 1988; Rafael Hoyos Andrade (Linguística), UNESP/Assis, 1989; Mary Kato (Sintaxe), UNICAMP, 1989; Yara F. Vieira (Literatura Portuguesa), UNICAMP, 1991; Luiz Antonio Marcuschi (Linguística), UFPe, 1992; Dinah I. Callou (Lingua Portuguesa), UFRJ, 1992; Marco Antonio R. Vieira, (Linguística), UFV, 1993; Stella Maris Bortoni Ricardo (Linguística), UnB, 1993; Miriam Lemle (Linguística), UFRJ, 1994.

VIII.2 - Livre-Docência

Heitor Megale (Filologia Portuguesa), USP, 1996.

VIII.3 - Doutorado

Paulo A.A. Froehlich (USP, 1967); Mário Mascherpe (FFCL/Assis, 1969); Leila Bárbara (PUC-SP, 1971); Norma Lúcia Horta Neves (UFMG, 1971); Clóvis B. de Moraes (USP, 1973); Erminio Rodrigues (USP, 1973); João de Almeida (FFCL/Assis, 1973); Antonio Silveira Reis (USP, 1974); Elvira Wanda Vagones (FFCL/Araraquara, 1974); Carlos A. Vogt (UNICAMP, 1974); Maria Ângela R. Abbud de Toledo (USP, 1976); Idméa S.P.M. de Siqueira (USP, 1976); Adair Pimentel Palácio (UNICAMP, 1984); Roberto Gomes Camacho (UNESP/Araraquara, 1984); Maria da Piedade Moreira de Sá (USP, 1986); Samira Samara (PUC-SP, 1987); Ângela Cecília de Souza Rodrigues (USP, 1988); Dercir P. de Oliveira (PUC-SP, 1989); Bruno F. Bassetto (USP, 1989); Maria Cecília Magalhães Mollica (UFRJ, 1989); Helena Gryner (UFRJ, 1990); José Lemos Monteiro (UFRJ, 1991); João Francisco Gonsalez (USP, 1991); Paulo Francheti (USP, 1992); Maria Cristina Altman (USP, 1993); Regina Maria Pessoa Elias (UNESP/Araraquara, 1994); Maria Carlota Paixão Rosa (UFRJ, 1994); Sílvia Helena Barbi Cardoso (UNICAMP, 1994); Maria Lúcia V.O. de Andrade (USP, 1995); Maria Eugênia Lamoglia Duarte (UNICAMP, 1995); Maria Cristina Rigoni Costa (UFRJ, 1995); Maria da Graça Costa Val (UFMG, 1996); Leland Emerson McCleary (USP, 1996).

IX. Associações Científicas

1. Grupo de Estudos Linguísticos do Estado de São Paulo, [GEL], desde 1969, associação que fundou e que presidiu de 1969 a 1971; Secretário de 1978 a 1979, sendo Presidente o Prof. Rodolfo Ilari, gestão em que se principiou a publicação dos Estudos Linguísticos [Anais dos Seminários do GEL].

2. Associação Brasileira de Linguística [ABRALIN], desde 1969, como membro da Comissão de Organização, juntamente com J. Mattoso Câmara Jr. e Aryon Dall'Igna Rodrigues; Conselheiro de 1970 a 1979; Presidente de 1983 a 1985.

3. Programa Interamericano de Lingüística e Ensino de Idiomas [PILEI], desde 1969, como um dos Delegados brasileiros; Diretor do V Instituto do PILEI, realizado na Universidade Estadual de Campinas de janeiro a fevereiro de 1980: v. Castilho (Org. 1984a).

4. Associação de Filologia e Lingüística da América Latina [ALFAL], desde 1969; Vogal de 1981 a 1992; Presidente da Comissão Organizadora do IX Congresso Internacional, realizado na Universidade Estadual de Campinas em agosto de 1990: v. Castilho (Org. 1992a); Coordenador da Comissão de Lingüística Portuguesa, criada durante o X Congresso, a partir de 1993.

5. Sociedade Brasileira para o Progresso da Ciência [SBPC], desde 1976.

6. Sociedade Brasileira de História da Ciência, desde 1983.

X. Atividades Administrativas

1. Diretor da revista Alfa de 1962 a 1975, publicação que fundou a pedido do Prof. Massaud Moisés, primeiramente órgão do Dep. de Letras da FFCL de Marília, hoje Revista de Lingüística da UNESP. Durante sua gestão, foram publicados 19 números dessa revista, entre eles a Miscelânea de Estudos Dedicados ao Prof. Robert Henri Aubreton e a Miscelânea de Estudos Dedicados ao Prof. Theodoro Henrique Maurer Jr., tendo-se estabelecido intercâmbio regular com 167 publicações congêneres do país e do exterior.

2. Vice-Diretor da FFCL de Marília de junho de 1962 a novembro de 1963, e de fevereiro a julho de 1971.

3. Chefe do Departamento de Letras da FFCL de Marília de 1961 a 1962, de 1966 a 1967 e de 1973 a 1974.

4. Presidente do Conselho Municipal de Cultura da Prefeitura Municipal de Marília, órgão que fundou, de 1967 a 1968.

5. Coordenador do Curso de Graduação em Lingüística da UNICAMP em 1977 e representante do Instituto de Estudos da Linguagem junto à Câmara Curricular da UNICAMP de 1978 a 1980.

6. Diretor da revista Cadernos de Estudos Lingüísticos da UNICAMP, de 1978 a 1979, publicou o primeiro número.

7. Coordenador do Centro de Informação e Difusão Cultural da UNICAMP de 1983 a 1989; durante sua gestão foi criado o Sistema de Bibliotecas da Universidade e construído o prédio da Biblioteca Central.

8. Coordenador da Coordenadoria do Sistema de Arquivos da UNICAMP de 1989 a abril de 1994, órgão que criou, tendo inaugurado o prédio do Arquivo Central em 1991.

9. Presidente da Área de Letras e Lingüística da CAPES, órgão do Ministério da Educação, de 1987 a 1990.

10. Membro do Comitê de Assessores de Letras e Lingüística do CNPq, de 1991 a 1993.

11. Membro da Comissão da Biblioteca da FFLCH-USP, a partir de 1994.

12. Representante dos Professores Associados junto ao Departamento de Letras Clássicas e Vernáculas da FFCLH-USP, a partir de 1994.

São Paulo, outubro de 1996.


Ataliba T. de Castilho